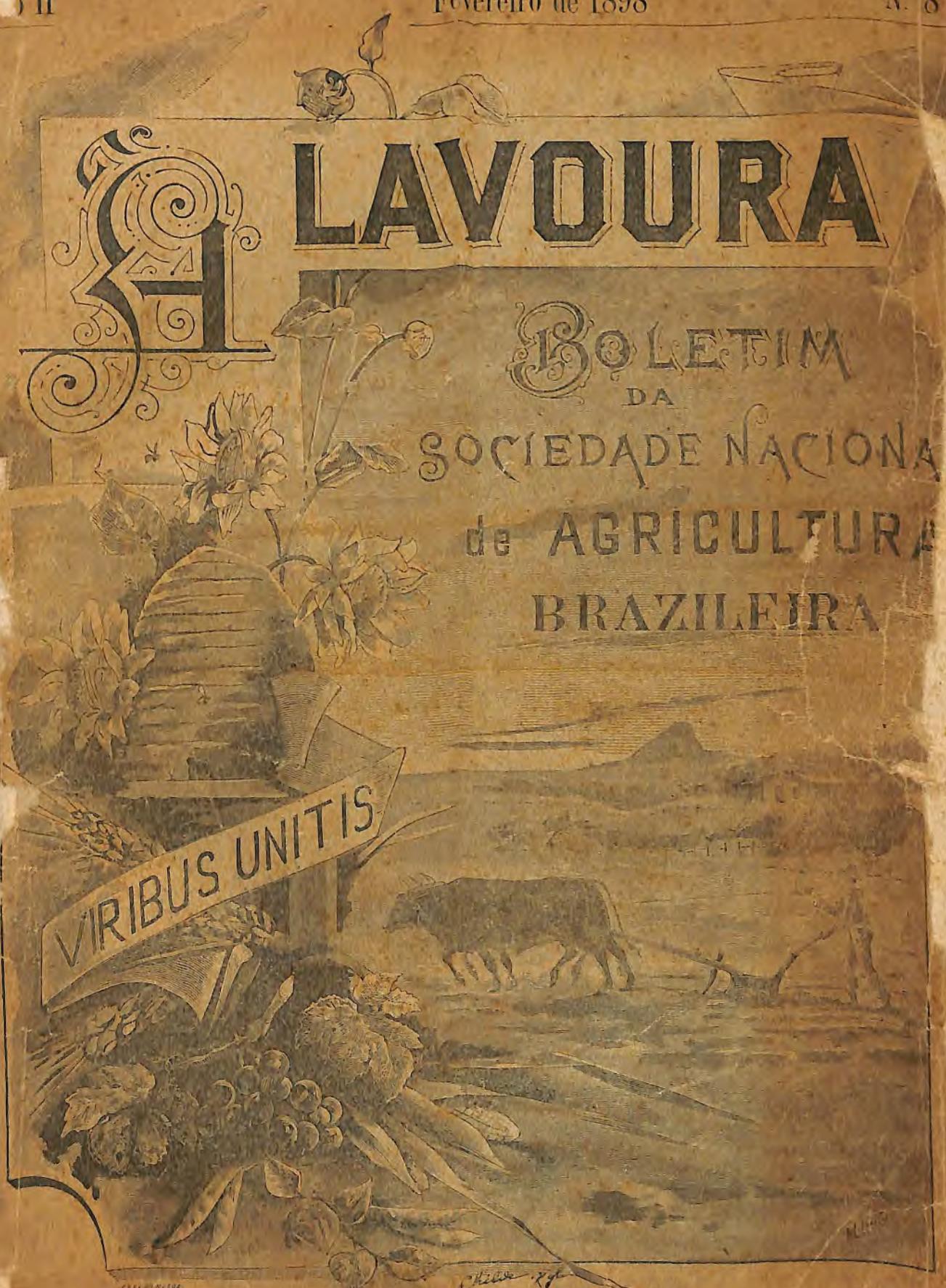


# ALAVOURA

BOLETIM  
DA

SOCIEDADE NACIONAL  
de AGRICULTURA  
BRAZILEIRA

VIRIBUS UNITIS



# A LAVOURA

Esta revista ou boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira  
é publicada uma vez por mez

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A assignatura é de um anno indiviso, principiando em 1 de Janeiro e terminando em 31 de Dezembro.

Por excepção, no anno de 1897 ella principiou em Julho, sendo pois de 6 mezes.

O preço da assignatura, até 31 de Dezembro de 1897, é de 6\$000. Desde data em diante, será de 12\$000 annuaes.

Assigna-se em qualquer data, tendo porém, sempre em vista as condições acima.

## PREÇOS DOS ANUNCIOS D'A LAVOURA

TAMANHO	UM NUMERO	TRES NUM.	SEIS NUM.
1 Pagina	30\$000	80\$000	140\$000
1/2	20\$000	50\$000	100\$000
1/4	10\$000	27\$000	50\$000

## NÃO SE VENDE NUMERO AVULSO

Assigna-se, ou directamente com o Sr. Gomes Pass, 2º thesoureiro, das 11 horas da manhã ás 3 da tarde, na Praça da Republica n. 101, Capital Federal, ou nas seguintes casas:

JENS SAND & C. - Casa Hortulanía - Rua Moreira Cesar n. 45.

FRANCISCO ALVES - Rua Moreira Cesar n. 134.

EMILE VILLON - Maison de Primeurs - Rua da Assembléa n. 17.

MANUEL BERNARDES - Casa de Laticínios - Rua da Uruguayana 68, que se prestam gentilmente a receber assignaturas.

Todas as communicacões devem ser dirigidas á directoria da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, a quem pertence exclusi-  
va a redacção da parte editorial da publicação.

Os manuscritos não publicados não serão restituídos.

## BELICHE

ESTABLISHMENTO DE FERRENTES PAUL JARDIM,  
HORTA E CASADUA

Fundado por F. Albuquerque

Catalogo illustrado e gratis remittido a quem o  
desejar, dirigindo-se a redacção d'A Lavoura ou a  
Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura  
Brasileira.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a L.  
Albuquerque, filho e successor de F. Albuquerque,  
rua da Uruguayana n. 674, Rio de Janeiro.

Este estabelecimento Beliche achase situado no es-  
trada n.º 111, a. a. Estação do Meiro, F. F. Cen-  
tral do Brasil.

Recorre o estabelecimento do Beliche em comman-  
das de instrumentos de lavoura, de que fornece os  
mais variados espécimens e de reproductores de  
pequena escala de gado rumo.



# A LAVOURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira

## Discurso-programma

No interesse superior da propaganda da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, julgamos útil publicar a primeira Conferencia realizada no salão de honra da Escola Polytechnica — ao ser iniciada a serie dos seus trabalhos de propaganda pela palavra, em 17 de Fevereiro de 1897, e que até a publicação deste numero d' *A Lavoura*, já conta 46 destas Conferencias publicas, realizadas no mesmo recinto sob a presidencia do Dr. Ennes de Souza, Presidente da Sociedade, assim como quatro sessões de congressos agricolas, e duas sessões solemnes, a primeira, a da inauguração da sociedade, em 27 de Janeiro de 1897, e a ultima, em honra do Sr. Frederico Albuquerque, 1º vice presidente honorario, em 12 de Janeiro de 1898.

Será esse trabalho a continuação e a confirmação do programma que havemos sempre seguido e do qual não nos affastamos, nem nos desviaremos em tempo algum ou de qualquer modo que seja.

O DR. ENNES DE SOUZA (*movimento geral de attenção*). — Minhas senhoras, meus concidadãos! Si não é perante uma dessas grandes concurrencias que costumam acudir aos *meetings*, ás assembléas politicas e ás reuniões festivas, é no seio de um distincto e notavel auditorio, é diante de um dos mais selectos concursos de senhoras, de lavradores e de verdadeiros amigos da lavoura, que tenho a honra de hoje fallar para expôr os principios em que baseamos a nossa campanha agraria, os meios de que podemos dispor ou de que pretendemos lançar mão, e os fins nobres e elevados que desejamos attingir, para levarmos por deante a nossa empreza, que não é facil, — que ao contrario, é uma das mais difficeis, — mas que não é menos o meio mais directo e effcaz que se nos depara de contri-

buirmos para o levantamento do espirito, do character e da fortuna nacional.

E', com effeito, pela lavoura que se desenvolverá com sinceridade e firmeza, ao mesmo tempo que a riqueza geral e particular, o nobre sentimento do patriotismo, que deve animar a todos os brasileiros.

Um povo que cultiva a terra, ama o sólo da patria, e por isso o defende pelas armas como o fecunda pelo trabalho, origem de todos os beneficios publicos.

É assim, por meio da agricultura, que nos tornaremos uma nação verdadeiramente digna, independente e feliz. Amigo sincero de nossa nacionalidade, é portanto, á campanha rural, á propaganda da lavoura, ao progresso agricola, o assumpto a que, para sempre, pretendemos dedicar a nossa vida.

Vejo aqui companheiros das campanhas da abolição, da instrucção publica e da agromonia, amigos de longa data e de todos os tempos, tornados membros dedicados da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira; encontro representantes da Commissão Agricola do Districto Federal e dos Comicios ruraes de Irajá e de Inhaúma, com quem tenho labutado — a perto de dous lustros com os ultimos e a cerca de tres decennios com os primeiros. Vejo que os diversos Estados da Republica se acham dignamente representados neste recinto, — que é um sacrario da sciencia, — por alguns dos seus mais distinctos filhos, muitos delles engenheiros sahidos desta Escola e outros que ahi ainda estudam, e entre os diversos professores e profissionaes aqui presentes e que são verdadeiros agronomos, pedirei licença para nomear um que representa a lavoura de Minas Geraes<sup>1</sup>,

1. O Dr. A. Gomes Carmo, engenheiro agronomo, pela Escola de Montpellier, membro da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira e da «Société des agriculteurs de France», lente do Gynnasio de Ouro Preto e autor de um excellent tratado de Agricultura Brasileira que acaba de ser impresso na Casa de

não a lavoura do passado, atrazada e rotineira, oriunda da escravidão, mas a agricultura adeantada, a lavoura racional e scientifica, que nesse grande Estado Federal está ganhando notavel terreno dia a dia: vejo aqui emfim, filhos do Norte e do Sul da Republica, que se empenham pelos progressos agricolas, representando regiões onde por certo o movimento agronomico já tem tomado algum incremento e ha de tomar cada vez maior.

Pois bem; que seja este facto, — em que se exemplifica que a qualidade prima sobre a quantidade, em que, pelo menos, aquella é desta independente; em que se verifica o lemma por nós escolhido para divisa de nossos emblemas sociaes *Viribus unitis*; em que vemos, ao lado dos veteranos da campanha agraria, tambem representada a mocidade das escolas brazileiras, o que é uma causa de intima satisfação para mim e para todos aquelles que confiam na acção da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, — a prova de que ella entra bem amparada pela opinião esclarecida do paiz ao iniciar as suas conferencias semanaes.

Com effeito, jámais o numero, por ser grande ou pequeno, teve sobre nós, em qualquer sentido, o menor effeito; nem aquelle nos tem insufflado exaggerada confiança, por favoravel, ou, por adverso, o minimo temor; nem este nos entibiará o esforço; porque sómente os predicados da energia, do character e dos bons sentimentos daquelles que se congregam para fins nobres podem encorajar reciprocamente os batalhadores d'uma grande causa, incitando-os a proseguirem na campanha encetada; pois como dizia Lamartine « un peuple sans âme, est une vaste foule » como o individuo sem aquelle predicado nada mais é do que um mero elemento dessa inconsciente multidão.

E o triumpho é certo se o fim visado é com effeito o dos verdadeiros melhoramentos nacionaes, como é o da tarefa que hoje iniciamos sob uma nova phase, mas que de facto é uma continuação de nossas luctas anteriores, já vindo ella de longos annos de propaganda, e que pretendemos levar por deante, custe o que custar, qualquer que seja a somma de difficuldades ou mesmo de sacrificios com que tenhamos de luctar, não fallando nos

desgostos ou dissabores que jámais faltam em taes emprezas; mas que não existem para aquelles que não têm em mira outro alvo senão bem servir uma nobre idéa e a terra a que devem o ser, batendo-se pelo seu dever e o seu ideal, como Bayardo fazia-o pela lei e pela patria: — *sans peur et sans reproche*.

« O primeiro passo para a sabedoria, dizia Socrates, está em reconhecermos a propria ignorancia ».

A primeira condição para resolvermos uma questão, — direi eu, paraphraseando o incomparavel sabio, — está em conhecermos bem o nosso *ponto de partida*, e este é realmente bem modesto... Mas é justamente por isso, que, em nosso empreendimento, visando a meta onde queremos chegar, e indagando dos meios de que poderemos dispor, primeiro que tudo buscaremos conhecer em que « estadio agrario » nos achamos. Ora, a respeito da cultura do nosso sólo é mister que tenhamos a coragem de ver, embora com magoa, o nosso estado de incuria e de pobreza, para que possamos pensar em levantar a lavoura nacional ao gráo de adeantamento e de grandeza a que ella é destinada, afim de que a nossa Republica possa ser prospera e feliz no interior, forte na propria defesa e respeitada pelos estranhos.

Todos os nossos concidadãos, que, animados do sentimento do amor da patria, têm percorrido qualquer região do interior do nosso vasto paiz, como aquelles que apenas conhecem o que são as margens de nossas vias ferreas, e os proprios habitantes desta Capital, que momentaneamente della se afastam para conhecer os seus suburbios, sentem com certeza o coração confranger-se deante do triste espectáculo que todos os dias presenciamos nessas perigrinações: a não ser a floresta, em regiões ainda não habitadas pelo homem, e a cultura extensiva do café, pujante em certas localidades, só vemos magrissimas plantações de canna, cacão, algodão, etc., raras e disseminadas; a falta de agua nos montes, nas grottas e nos valles; a nullidade das culturas de cereaes e de outras plantas alimenticias, fructiferas, industriaes e de forragem para o animal; a ausencia do gado nas encostas, chapadas e planicies; o ermo nas alturas; o paul nas baixadas; as queimadas constantes se guindo-se ás medonhas derrubadas das mattas para o fabrico bossal e rudimentar do carvão ou o corte intempestivo e selvagem da lenha,

sem a replantação que deveria succeder ás mesmas; — a esse lamentavel estrago, seguindo-se a ruína, o deserto, o morro descalvado, casas á tôa sem uma horta sequer, e mais nada.

A solidão por toda parte, por toda a parte o desanimo, a inacção, a desesperança, a inercia, o isolamento, o impalludismo, a cachexia, a hypoenmia, a má alimentação, a carencia de recursos de toda ordem.

Como são differentes as nossas varzeas das sementeiras da Europa, da America e da Republica Argentina!

Entretanto, vemos a cidade repleta de gente — e porque não dizel-o? — de gente sem trabalho, ou á procura do mel de pão da fortuna sem esforço, do Eldorado da jogatina, que em tanto importa a procura de logares em que se ganhe sem trabalhar. Emquanto no interior do paiz, e até mesmo nos suburbios da Capital sente-se immensamente falta de gente... de gente que trabalhe, vemos, por toda parte, os dois elementos essenciaes da producção — a terra e o homem ou o capital e o trabalho — que devem, sempre, estar unidos, — separados um do outro; a terra esquecida do homem: este desherdado das riquezas da terra, dos bens que só podem ser adquiridos pelo trabalho, e que a terra, profusamente, prodigamente dá, como a melhor e a mais segura e perenne das riquezas, ao mesmo tempo que a paz, a felicidade e a prosperidade áquelles que confiam a semente ao seu seio fecundo. O congraçamento do homem com a terra seria, entretanto, a felicidade de cada um e a de todos; emquanto que o isolamento é unica e simplesmente o infortunio individual e o collectivo desconforto.

Porque não havemos, de nos alimentar de cereaes variados, de legumes diversos e de fructos deliciosos, produzidos em nosso sólo e por nós mesmos cultivados, — de productos escolhidos e bem desenvolvidos, que agradam tanto á vista como ao paladar; de legumes frescos, de cereaes abundantes, de fructos rubicundos, sazoados, bons, attrahentes; dos productos apropriados á bôa alimentação, sobretudo para augmentar a força e para garantir a saude dos habitantes do nosso paiz, em vez de generos importados, que por via de regra ou são ruins ou se acham desde logo ou em mui breve tempo deteriorados? E sabeis em que proporção se acha o genero importado sobre o produzido no paiz para o nosso consumo?

Em nove decimos! E' a pyramide repou-sando pelo vertice! E' um equilibrio instavel!

D'ahi os males do cambio; d'ahi os horrores da carestia. D'ahi a quasi impossibilidade da manutenção da existencia propria e da familia para o homem que vive do seu trabalho de cada dia. Em nome da patria, senhores, é mister que a solidifiquemos fazendo as suas construcções firmarem-se pela base! é necessario inverter aquelles termos afim de que o nosso equilibrio se torne estavel, o que só se conseguirá pela producção agricola, pela criação do gado e pela pratica das industrias ruraes.

E' preciso que produzamos os nove decimos no paiz e que baste um decimo do nosso alimento seja importado, porque não somos chinezes que julgam bastar-se a si mesmos.

Senhores, eu não vou procurar exemplos em logares que, a bem dizer, não existem para nossas populações senão como uma simples expressão geographica pela suas enormes distancias, — o nosso *far west*; não fallarei nessas regiões em que nós não vivemos; vou fallar-vos das regiões que contam uma população mais ou menos densa.

Mas, senhores, não é só com palavras, nem mesmo com escriptos, que conseguiremos levantar a lavoura nacional; é por meio de actos. Mostremos, pois, — pouco a pouco embora, — o que podemos, devemos ou queremos fazer.

O nosso ardor está na altura de nossos desejos; não sei, entretanto, se os nossos meios o estarão. Para isto é que carecemos do auxilio dos nossos concidadãos de boa vontade, indo nós até elles e vindo elles até nós, para nos ajudarmos mutuamente no labor commum.

Senhores, eu não pretendo demorar-me mais a pintar-vos o quadro desolador de nossos campos, esterilizados ou incultos, nem a miseria que ahí reina: não vos convidarei mais a me seguirdes até ás florestas destruidas pelo machado e pelo fogo; não vos fallarei mais dos mattos enfezados, das collinas estereis, das planicies sem cultura, dos valles desnudados, nem da aridez das alturas ao lado do charco das baixadas, nem da encosta sem verdura, do seio da qual irrompe a ossatura descarnada dos montes sem vegetação e sem gado. Tanto abandono deante de tanto recurso perdido em um paiz onde, aliás, as melhores propriedades climatericas para desenvolver-se a vegetação, resultante das nos-

sas condições thermometricas e de hygrometria, nos collocam em estado de competir com vantagem, em concurso com qualquer outro, — é realmente triste!

Por toda parte onde tem ido o nosso lavrador extensivo — o falso lavrador do machado e da coivara — tem elle deixado, após si, o deserto, a ruina, o torpor e a esterilidade; entretanto, ao passo que isto succede com aquelle representante da cultura vampiro — que suga e secca as terras sem nunca restituir-lhes os elementos de vida que dellas haurerem, — por toda parte onde se estabelece o verdadeiro lavrador, o que cultiva racional e intensivamente o sólo, não se produz ahí a ruina, mas a riqueza, pois que a lavoura assim praticada faz a prosperidade do lavrador e a da população a que pertence, traz ou restitue a uberdade ao sólo, promove a criação do gado, provê ás industrias, que são todas ellas dependentes da criação e da cultura.

Mas não é esse o unico mal que nós presenciámos com a cultura extensiva. Si fosse a terra a unica a soffrer com a derrubada constante da floresta que elle acarreta, seria isso já um grande mal, porque importaria na destruição do que foi feito pela natureza; mas não é a terra unicamente que soffre, soffremos nós mesmos tambem, pois que participamos dos seus males.

Por toda a parte, por onde quer que lancemos a vista, não encontramos essa belleza dos terrenos cultivados, que encanta; não vemos a criação matizando os campos; não vemos essa industria que se chama rural, que leva a toda a parte a riqueza, a prosperidade, o conforto e a felicidade ás populações; vemos ao contrario — com que tristeza o digo — a terra esterilizada nas alturas, valles e encostas; o pantano nas baixadas desenvolvendo-se em measmas, e, como consequencia disso, tudo o que consumimos é quasi exclusivamente importado do estrangeiro.

Para um coração brazileiro, senhores, isto deve ser uma grande magoa, para o caracter nacional um vexame e eu acredito que vós sentis essa magoa e experimentaes esse vexame como eu a sinto e o experimento.

E porque não nos alimentamos dos productos do nosso sólo tão vasto e tão apto para todas as culturas e para todas as criações?

Nestas condições, e que nos cumpre fazer? Continuar de braços cruzados, como a grande maioria dos brazileiros? Não, por certo! Deve-

mos, ao contrario, — em que pose aos preguiçosos, aos pessimistas, aos inertes e aos desanimados, — envidar todos os nossos esforços afim de que se opere a abundancia da producção pela união desses elementos que tem vivido completamente desagregados: o homem e a terra, o capital e o trabalho! Consorciemos, pois, indissolavelmente o homem com a terra, e seja o trabalho, incipiente ou accumulado, a benção dessa união fecunda!

Minhas senhoras e meus concidadãos, no dia em que virmos a confraternização dos dois elementos essenciaes da producção — a terra e o homem; nesse dia podemos dizer que a fortuna nacional está creada e a nossa independencia patria garantida, como o estarão por ahí creados e formados o bem-estar particular ou a prosperidade do individuo e a da familia assim como a grandeza nacional; a paz reinará em toda superficie do nosso paiz; não mais haverá perturbações da ordem ou subversões contra as instituições nacionaes, politicas e civicas que o povo brazileiro adoptou para sua estabilidade e seu futuro; seremos respeitados pelo estrangeiro, e esse consorcio trará ainda, ao modo do que se dava na antiga Roma de Cincinnatus, e que se dá nas respeitadas ou poderosas Republicas da Suissa, da França e da America do Norte, como consequencia logica e natural, a consciencia do nosso valor civico e militar. A propria terra será uma trincheira, o instrumento de trabalho uma arma de defesa, e nossos braços serão fortes bastante para protegermos as leis da Republica e para fazermos respeitar a integridade da patria.

Senhores, a lavoura é o unico ideal que nos pôde tornar grandes e respeitados; a lavoura e a criação do gado são os dois elementos que nos podem tornar felizes, que nos permitirão equipararmo-nos aos povos cultos.

Disse o illustre Sully: — « a lavoura e a criação do gado são as duas têtas que alimentam o Estado »; e quem conhece o valor destes dois elementos não pôde desconhecer o que ha de verdadeiro nesta affirmativa.

Pois bem, senhores, se nós podemos obter pela cultura aquillo que nós compramos a pezo de ouro, nós que não temos ouro; aquillo que nós compramos a custa do futuro do nosso paiz, a custa do credito que não possuímos, não será isso melhor do que individuar-nos cada vez mais? Não será melhor que nos alimentemos com os fructos produzidos em nossa

patria, que nos dediquemos ao trabalho da terra, trazendo para o nosso lar, para o seio da sociedade em que vivemos, os productos que a natureza soffrega, exuberantemente, como uma mãe amorosa, nos offerece, a que os vamos buscar no estrangeiro para depois contrahirmos empréstimos successivos?

UMA VOZ (O Sr. J. Praxedes Medella, vice-presidente do comicio rural de Inhaúma e membro Director do comicio agrícola do Districto Federal e do conselho superior da Sociedade Nacional da Agricultura Brasileira). — E' justamente dos empréstimos, dos abusos dos empréstimos, que vem o continuo mal do cambio, equilibrado momentaneamente á custa de empréstimos cada vez mais onerosos.

O SR. DR. ENNES DE SOUZA. — Exactamente. E' para este ponto que chamo a vossa attenção. Nós estamos a braços com difficuldades extremas.

Senhores, o povo, como o individuo, que se habitua a viver do credito, fica cada vez mais pobre, individando-se progressivamente e em pouco tempo está desmoralisado.

O credito tem limites e isto não é desconhecido de nenhum de vós. Um banco para dar dinheiro a qualquer pessoa necessita de garantia, essa garantia é a honradez pessoal, e além dessa garantia exige uma outra, que é a principal, — é aquella que é constituída pelos immoveis que respondam pelo credito — é a terra cultivada, são as industrias e é a produçáo.

Sou forçado a demorar-me um pouco mais neste ponto para chegarmos á convicção de que é pela cultura, de que é pela criação e pelas industrias que se chega á riqueza e que se saldám as dividas.

A cultura do sólo. Começarei por este ponto.

A cultura do sólo exige tres condições essenciaes: a primeira é, naturalmente, que haja sólo, a segunda que haja quem trabalhe nesse sólo e a terceira, finalmente, que haja capital, isto é, que haja recursos em instrumentos, estrumes, sementes, etc., para a cultura. O homem só com suas mãos não póde produzir; poderá, quando muito, colher os fructos que encontra; é preciso, para que um terreno produza, alguma cousa mais que a simples mão do homem: é mister o emprego de instrumentos, isto é, de capitaes. Além disso querer que um só homem possa, ao mesmo tempo, lavrar a terra, colher os fructos, em summa servir a diversos fins, é con-

demnar a sociedade ao estado primitivo, ao estado aborigene, á condição do selvícola.

Por tanto a divisáo do trabalho é condição essencial; mas esta condição presuppõe sempre estes tres elementos: a terra, o homem e o capital, este sob a fórma de machina, de recurso fertilisante, etc. Este é o ensino que nos dá a economia política. Mas, Senhores, ha ainda uma questão primordial, que é a da applicação desses elementos. Muitas vezes não basta termos a força á nossa disposição; é preciso sabermos qual deve ser o ponto de applicação dessa força para darmos-lhe a direcção apropriada. Assim é que, se soubermos aproveitar convenientemente uma força, esta produzirá o maximo do resultado.

Nós vemos, por exemplo, um homem que possui terras, que tem intelligencia cultivada e boa, que tem capitaes e que, entretanto, não prospera: as suas terras pouco ou nada produzem, por faltar-lhes alguma cousa ainda, apesar de possuir os tres elementos essenciaes.

E' que esses recursos não estão unidos; é que uma applicação e direcção satisfactoria não foram dadas a esses recursos.

E' que é preciso, senhores, limitar a produçáo; é mister escolher bem um ponto de applicação para essas forças e proceder com aptidão, de modo a achar-se uma resultante conveniente.

Assim pois, tudo, senhores, depende da bóa applicação dos tres elementos a que me referi (*Apoiados*).

Dos tres elementos o primordial é, com certeza, a terra; esta, mesmo que o homem não a cultive, mostra que póde produzir fructos. Prova isto a planta sylvestre.

Este recurso será apropriado em pleno ao alimento do homem, pois era dos fructos selvagens que os primitivos homens se alimentavam e foi o homem primitivo que pela evoluçáo, que pouco pouco chegou á civilisaçáo, nos deu o homem da actualidade.

Nós vemos em certas regiões não cultivadas brotar, sem nenhum trabalho do homem, esplendidas pastagens.

Porque? E' que a natureza nos quer mostrar os thesouros que encerra em seu seio.

Pois bem, minhas senhoras e meus senhores, por toda a parte nós vemos ahí o latifundio. Elle existe até mesmo em grande parte do Districto Federal. E sabeis o que é o latifundio? É a negação da cultura, é a este

rilisação da terra. O latifúndio leva cada vez para lugares mais longínquos o trabalho do homem, torna cada vez maiores as distancias, difficulta o transporte dos generos, de modo que a chamada riqueza que vamos procurar no seio da natureza, cada vez acha-se mais affastada. *Latifundia Italiam perdidere*, dizia Plínio, ao contemplar as miserias e a esterilidade dos campos romanos sob o Imperio, quando haviam os campos de Italia, o ágro romano, sido os celeiros da grande cidade da Republica.

O homem que possui grande e extenso terreno e não o cultiva, não faz com que elle produza, representa o mesmo papel que eu representaria se viesse occupar este recinto para não fazer nada e vos impedisse de occupal-o para alguma cousa util. Nem mais nem menos.

Pois que, Senhores? pois si ha limite ou regulamentação para a liberdade humana, como não pôde haver tambem para a propriedade territorial? Pois o nosso, como todo o paiz civilisado, tem leis em que a liberdade de um cidadão é limitada pela liberdade de outro, onde todos os homens podem andar, correr n'uma certa direcção, — a que a lei permite — e que chamaremos a direcção parallela, para que não se encontrem, não se offendam, — não pôde estabelecer tambem uma razoavel regulamentação para a propriedade da terra? (Pausa — *Apoiados geraes*). E a necessidade disso é aliás demonstrada pela lei de 1851, que é boa, que é necessaria, mas que incontestavelmente não basta.

Só não pensará assim, Senhores, aquelle que não tenha intuição clara do fim, do destino da terra, que não tenha interesse pela lavoura nacional, que não tenha amor ao trabalho, que possua terras por mera vaidade de um lado e de outro por mal entendida cobiça para poder dizer: — sou dono de todo este paiz, toda esta região é minha (*Apoiados*).

Ha homens, Senhores, que possuem terrenos maiores do que a Suíssa — paiz este que mantem em seu sólo quatro milhões de habitantes, quatro milhões de cidadãos livres, paiz que representa sempre o primeiro papel no mundo civilisado, e entretanto esses grandes terrenos — admirai! estão em grande parte nas mãos de quem nem sequer sabe fazer a terra produzir e muitos de seus possuidores vivem numa miséria tal que levam constantemente a pedir ao governo que os proteja com

emprestimos, para amanhã irem com esse dinheiro de novo perdê-lo na voragem do jogo! (*Apoiados*). Eis outra causa do depauperamento da nossa lavoura. Eis porque eu digo que é preciso regulamentar a posse da terra, assim como a desenfreada liberdade individual, isto é, esses excessos que constituem a licença e o abuso; e pôde-se limitar perfeitamente por meio de leis, de costumes, e por meio dos interesses dos proprios possuidores que abusam da sua propriedade nominal e da falsa comprehensão da liberdade, porque — quer uns, quer outros, — elles têm muito mais interesse em usar do que em abusar da sua liberdade e da sua propriedade.

Eu sei que propugnando por esta doutrina serei confundido immediatamente, por quantos apreciam as cousas pela rama, com aquelles que pregam contra a liberdade e pela cessação do direito de propriedade. Entretanto o que eu desejo é que sejam verdadeiramente garantidas uma e outra.

Vem a pello recordar-vos um facto como ponto de partida.

Senhores, as industrias extractivas, como a da borracha, que já tiveram logar outr'ora nas margens do Amazonas, devido á destruição constante das arvores que a produzem, já se acham tão affastadas das regiões francamente abertas ao trabalho do homem, que hoje, para ir-se procurar a seiva da *siphonia elastica* — é mister internar-se o explorador em regiões extremamente inhospitas e longínquas, e o que ha de mais triste nisso é que a ambição dos seringueiros para ahi os faça levar suas mulheres e filhos e assim vemos familias e familias atravessarem insalubres e inhabitaveis zonas, onde veem cahir feridas pela morte pessoas que lhes são caras depois de ahi haverem estragado completamente a sua saúde, voltando para seus lares sem trazerem aquellas riquezas que tanto sonharam. É que isso é um falso oásis de riquezas que lhes foge constantemente, não é uma verdade.

Familias e familias, attrahidas por essa miragem, partem para o extremo norte; nos primeiros tempos como que gozam de certa abundancia, como que são tocadas pela prosperidade; porém, em fim de contas verificam que ao evez da sonhada riqueza e da suspirada felicidade na abundancia, são rodeadas da mais negra desgraça, que as persegue, e voltam para seus lares ainda mais pobres e dizimadas, e os raros que nisso fazem fortuna

como que representam aquelles que tiram um premio em loterias, depois de haverem despendido as economias, em detrimento ainda de milhares e milhares de pessoas que nellas perdem o seu dinheiro.

Eis, Senhores, o quadro, triste embora, mas verdadeiro, da chamada industria extractiva e que eu chamarei como ha muitos annos o tenho feito, de *industria desluctiva*. Pois bem: para que tenhamos abundancia em nossos lares, para a felicidade de cada um e para o bem geral é preciso que esqueçamos essa miragem, que nos dediquemos ao cultivo da terra, de onde sempre jorrou e sempre jorrará a verdadeira fortuna.

Não ha ninguem que tenha acompanhado, mais ou menos, a historia das minas como a dos seringaes do extremo norte, tão fallados, que ignore que esta é, como a cultura extensiva tambem, a causa do depauperamento da lavoura nacional; elles são procurados como se procura a felicidade que muitos suppõem estar muito longe, mas que, ao contrario, está muito perto de nós; esta encerra-se nos campos, está no trabalho rural, está na agricultura!

Mas, Senhores, é necessario que formulemos em bases solidas o que se deve entender por verdadeiro systema de cultura.

Não é, portanto, nessas riquezas phantasticas sonhadas pelos antigos que, por occasião da descoberta da America, suppunham encontrar ouro em toda parte, que imaginavam que os productos estavam promptos para carregarem navios, não é nisso que nós devemos procurar a grandeza, a felicidade do nosso paiz; é na cultura do trigo, da vinha, dos cereaes em geral, da forragem, do legume, do fructo e na criação, não dessa criação tão fallada de Goyaz e Matto-Grosso de que tratarei depois, onde manadas e manadas vagueiam em campos alagados em certos tempos e torrados do sol em outras épocas: não, Senhores, eu vos fallo da criação estabulada, da criação bem cuidada, da criação que, na época da falta de colheitas ou de seccas, como durante o inverno de paizes de climas extremos, nutre-se dos productos armazenados no tempo em que elles melhor são adquiridos, como o feno, os cereaes, emfim os productos apropriados á criação do gado.

Nestas condições eu vos concito que iniciéis este systema, não fazendo como os nossos antepassados, que viviam a procura da fortuna durante muito tempo para, depois de conse-

guirem superior riqueza em dinheiro, irem gozar na metropole a renda dos seus haveres. Esta idéa deve ser abandonada pelos brasileiros: é aqui que devemos viver, prosperar e gozar o fructo do nosso trabalho. E', portanto, em vista disto que devemos assestar as nossas baterias, é em torno deste reducto que devemos collocar as nossas forças de combate; de sorte a podermos tomar de assalto a natureza e dominal-a pela sciencia e pela cultura.

Mas, Senhores, não é com generalidades que conseguiremos fazer alguma coisa em bem da lavoura nacional. As generalidades são conhecidas de todos e não ha ninguem que não tenha as mesmas aspirações que qualquer de nós.

O que é preciso é concretisarmos perfeitamente cada assumpto, discriminarmos o verdadeiro do falso e estabelecermos, emfim, as condições necessarias e sufficientes de cada problema economico ou agrario, para que cada questão possa ser resolvida, é fazer aquillo que muitos dos moços que aqui se acham sabem: é collocar o problema em equação: *Un problème bien conçu est à moitié resolu.*

Ora, acredite que, si nós afastarmos a idéa dessas riquezas phenomenaes, adquiridas sem trabalho, sem os pacientes esforços combinados da sciencia e da industria, teremos já prestado algum serviço, e esse serviço consiste em olharmos unicamente para o ponto de onde deve emergir a nossa prosperidade individual legitima que, é verdade, applica-se á prosperidade da Republica dos Estados Unidos do Brazil. E' neste sentido que buscaremos combinar esforços.

Em todos os tempos e em todos os paizes existio e existe sempre uma certa quantidade de espiritos creadores que, sinceramente, ao lado do cumprimento do dever ou da obrigação de cada dia, dedicam-se tambem em melhorar aquillo que encontram na superficie da terra.

Seguindo esses exemplos, um dos nossos empenhos, Senhores, é este: melhorar as condições agrarias do nosso paiz, e só se póde melhorar as condições agrarias de um paiz, desenvolvendo aquillo que já existe.

Devemos assim proceder por que já alguma coisa existe feito, e o caminho a seguir é este: — desenvolver o que já temos e crear o que ainda não temos. Este é o nosso objectivo. Sim, Senhores, nós já temos alguma coisa; e seria suppormo-nos superiores em intelli-

gencia e em aptidão aos nossos antecessores dizermos que tudo ainda está por fazer.

Eu posso dar testemunho disto porque não é de hoje que estou a braços com esta campanha que nos congrega aqui e á qual vamos dedicar todos os esforços de nossa vontade e todas as véras de nossa alma de brasileiros.

E quando houvermos, em um futuro mais ou menos proximo, conseguido o que almejamos — embora em parte sómente, pois que os vindouros farão o resto — descansaremos á sombra das arvores que produzirão os fructos da independencia economica e moral da Republica Brasileira, se, no afan do trabalho, não formos interrompidos pela morte, pois que pelo desanimo — quer na defesa da patria e de suas leis sublimes, quer na cultura do seu sólo sagrado, — esperamos já mais ser vencidos! (*Apoiados geraes e palmas*).

DR. ENNES DE SOUZA

Presidente

da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira

### Pela lavoura

«O paiz caminha para um abysmo»; «a lavoura, sómente, nos poderá salvar»; «á agricultura compete levantar o nivel moral, intellectual e civico do nosso povo»; etc., — taes são as sibyllinas exclamações que diariamente são lançadas aos quatro ventos, sem que, no entanto, esses prophetas se preocupem, geralmente, com as innumerables necessidades palpitantes do nosso paiz.

Não seria mais razoavel que cada um dos nossos concidadãos, á medida de suas forças, viesse trazer o seu contingente em prol do levantamento da lavoura nacional, devendo resultar da união d'esses esforços a maior somma de beneficios para a nossa Patria, redundando em farta messe de proveitos á comunidade e a cada um de per si ?!

Felizmente, já se nota, de Norte a Sul, um movimento sympathico, tendente a impulsio-nar essa indispensavel alavanca.

Abnegados patriotas, delegados da nossa Sociedade fundada ha pouco mais de um anno, porém já benemerita vão, quaes outros missionarios, pregando a *Idèa nova*, que trará como consequencia inevitavel a regeneração do caracter nacional e a restauração do nosso credito; fundando-se, quasi diariamente, pela influencia de sua propaganda persistente e ininterrupta, varias associa-

ções agricolas estadoaes, que á nossa se vem filiar.

Os proprios interessados, e demais o são, os lavradores, esses mesmos já despertam do torpor em que se achavam immersos sob a acção do encantamento do talisman miraculoso d'*El-rei Café*, e correm pressurosos a procurar na polycultura, baseada nos ensinamentos da sciencia agronomica, os recursos deixados pela sua deploravel inercia de longos annos simplesmente confiados á preciosa rubiacea, que, seguindo a lei fatal da Natureza, não podia deixar de ter infallivel declinio.

Muita cousa ha por fazer, é certo; porém, alguma cousa já se tem feito e além disso, a crise extrema que nos assoberba, devida em grande parte á monocultura, será proveitosa lição, concorrendo para a junção de esforços e dedicações, que, uma vez colligados, trarão á Republica Brasileira brilhante phase de prosperidade, fazendo-a respeitada e idolatrada pelos povos cultos e laboriosos, que pela agricultura têm restaurado suas finanças, desenvolvido sua instrucção, emfim colhido os mais ricos thesouros oriundos dessa inexgotavel fonte de felicidade social.

ROCHA PINTO JUNIOR

Membro do Conselho Superior  
da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira

### Semente

#### I

E' conveniente que os agricultores conheçam de alguma sorte a semente em geral e particularmente bem cada uma das que constituem as especialidades de suas plantações.

Agricultores ha que conhecem perfeitamente agricultura, entretanto para outros que seguem a rotina é bem necessario uma explicação a respeito, pois muitas vezes vivendo involuntariamente nas trevas da ignorancia não ousam adeantar para colher o que o progresso póde fornecer-lhe a bem de sua lavoura.

Bem sabemos que não ha agricultor que não conheça o que seja *semente*. Elles que diariamente com ellas lidam é impossivel que não saibam o que vem a ser *substancia basica da reproducção*.

Entretanto, (porque não havemos de confessal-o?) bem poucos são os lavradores de nosso paiz que têm sciencia do que seja a *plantação* ou o *plantio*. Porém, entremos no assumpto.

A palavra *semente* vem de *semen* que quer dizer substancia de reproducção; porém a palavra *semente* dá ideia de um órgão de reproducção em uma phase mais adiantada que a propria substancia de reproducção, pois que está em contacto com o ovulo da planta, dando lugar ao curioso phenomeno, conhecido pelo nome de fecundação, constitue um producto que não é propriamente o ovulo, mas o ovulo fecundado. Eis porque chamam também a semente, de grão, que, segundo a definição de um botanico, vem a ser o ovulo completamente desenvolvido depois da fecundação. E', pois, uma parte do fructo, no interior do qual acha-se preso á placenta.

Conhecida a semente, entremos em outras ordens de considerações a respeito.

Em geral os nossos agricultores dizem: as sementes são boas, são velhas, não produzem mais, estão podres; entretanto não conhecem as causas em virtude das quaes assim as consideram. Muitas vezes um ligeiro aspecto physico que ellas apresentam dá lugar áquella supposição: outras vezes, o longo tempo em que ellas se deixam ficar debaixo da terra sem medrarem, leva-os a acreditar na mesma supposição.

Mas, vamos primeiramente estudar de um modo synthetico a semente e algumas de suas partes componentes.

A semente, quanto á sua forma, varia de uma maneira extraordinaria.

E' assim que ella pode ser *ovoide*, *globulosa*, *achatada*, *oblonga*, *cylindrica*, *angulosa*, etc.

Algumas sementes são tão pequeninas e em tanta quantidade que affectam o aspecto da serragem de madeira; por isso são chamadas *scobiformes*.

Ha sementes achatadas cujos bordos são salientes e espessos, por esta forma especial que affectam são chamadas *marginadas*.

Acontece, porém, que se esta saliencia é larga e membranosa, a semente se diz *alada*, como por exemplo, as sementes dos pinheiros e em geral as das Bigoneaceas.

Ha outras denominações de *semente comprimida* e *deprimida*, e outras de que não tratarei por julgar dispensavel ao fim que temos em vista.

A Natureza, providente como foi e é, na criação desta obra grandiosa a qual chamamos globo terraqueo, tendo em consideração que as sementes podem ser destruidas, não só pelo calor e humidade demasiados, como

tambem pela voracidade de animaes de toda especie, dando assim lugar a uma reproducção em muito pequena escala, o que seria inconvenientissimo sob qualquer ponto de vista que se queira encarar, contrabalançou estes inconvenientes, produzindo na maior parte das especies vegetaes sementes em grande profusão. Vem a proposito citar o tabaco, cujo nome scientifico é *nicotiana tabacum*, um só individuo vegetal produz 40.000, e mais sementes; a papoula oriental produz 32.000 sementes, etc.

De que se compõe a semente?

Muitos agricultores a esta pergunta adiantarão: Nós não temos necessidade, para fazer as nossas plantações, de saber qual a composição da semente; basta que, preparada a terra, tomemos as boas sementes e lancemolas sob a mesma.

Este caso faz lembrar um negociante de relógios, o qual indo compral-os na fabrica, que se achava bastante distante do ponto de seu negocio, lá pediu uma partida destes e quando a elle explicava o fabricante o machinismo, por serem os mesmos de superior qualidade, foi advertido pelo tal negociante que não tinha necessidade nenhuma de conhecer o machinismo, apenas desejava saber se elles regulavam perfeitamente bem. Pois, é um engano seu, redarguin o fabricante, por isso si por qualquer incidente, de clima, de temperatura ou qualquer outra causa os relógios não produzirem os resultados que o Sr. espera, terá a necessidade de *derrotel-os* a esta fabrica para remoções das causas que produziam aquelle effeito, e nisto haverá prejuizos que, de certo, não correrão por minha conta.

Outro tanto não aconteceria se elle tivesse conhecido do objecto de cujo negocio tirava o meio de subsistencia.

Isso quer dizer que os agricultores devem conhecer as sementes um pouco scientificamente, para remover as causas, quando estas perturbam a germinação d'aquellas.

Mas vamos á composição da semente.

Ella compõe-se de uma parte que é a *episperma* ou *spermoderma*, constituindo o tegumento proprio da semente. Ha duas membranas, primina e secundina, que envolvem o ovulo, a externa tem o nome de *lorica*, dado por Mirbel, ou *testa*; e a outra chama-se *tunica interna*, nome dado por Gaertner, ou *tegmen*, por Mirbel, ou *endo-*

*pleura*, por De Candolle. Com o phenomeno da fecundação estas duas membranas se transformam em tegmento proprio da semente acima referida.

A outra parte da semente é a amendoa.

Póde-se perfeitamente observar na semente da *mamona* ou *ricino*.

Acontece ás vezes que ambas estas membranas do *episperma* são tão delgadas e unidas entre si que apresentam o aspecto de uma só.

Nas grammi-neas, notam-se as sementes sem o *episperma*, é que este acha-se tão ligado ao pericarpo, que parece confundir-se com elle.

O *episperma* ou *espermoderma* torna-se espesso ás vezes e dilatado em virtude de um sacco que se forma, como na semente da romã, porisso chama-se semente em baga.

O *episperma*, como sabemos, é um tegmento que em sua *superficie* póde affectar diversas côres. Tomemos como exemplo o feijão; observa-se, devido ao *episperma*, o

feijão branco, o preto, o enxofre, o cavallo; ás vezes é encarnado, como na semente do murungú (ou mulungú), parda como na noz. Póde o *episperma* tornar-se cheio de pellos, como na semente do algodão; ás vezes são de pellos longos em um certo ponto, affectando a forma de um pennacho, e outras variedades, etc.

O *episperma*, segundo a sua constituição e locação, serve geralmente para que os agentes exteriores, como a humidade, etc., ac-tuem immediatamente sobre o embryão.

Ja que fallei em embryão, é preciso saber o que seja este.

Como ficou dito acima, das duas partes de que se compõe a semente, da primeira já tratamos que é a *espermoderma* ou *episperma*, e a segunda a *amendoa*, que é a de que vamos tratar.

A *amendoa* acha-se sempre envolvida na-quella primeira parte, portanto, o *episperma* constitue o involucro dentro do qual acha-se

a amendoa. Por sua vez a amendoa consta de duas partes. Para bem comprehendermos, usaremos da comparação de Gaertner, observemos um ovo, a clara e a gemma: a clara é o que se chama na amendoa o *albumen*; e a gemma é comparativamente o *embryão*.

Ha sementes de certas plantas como as aquaticas e as cucurbitaceas, etc., nas quaes falta o *albumen*. Explica-se este phenoneno, pela pouca duração do *albumen*, isto é, elle se formou de um modo transitório e foi absorvido ulteriormente.

E' geralmente formado o *albumen* por um tecido cellular de *natureza diversa*. Assim póde algum ser *farinaceo* ou *amylaceo* quando o *parenchyma* ou tecido cellular que o constitue é cheio de fecula como nas grammi-neas; tambem póde ser carnoso ou corneo, conforme acha-se cheio de liquido ordinariamente oleoso, ou sem liquido nenhum; muito endurecido, ás vezesahi toma o aspecto de um marfim conhecido na industria, como o *marfim vegetal*.



M. de Dampierre

PRESIDENTE DA SOCIEDADE DOS AGRICULTORES DE FRANÇA

Passemos ao embrião.

O embrião é uma parte da semente, — considerando-se esta como um todo, — e por sua vez uma parte da amendoa, — considerando-se esta decomposta nas duas partes fundamentais.

O embrião na Botânica presta um serviço relevante, pois é elle que caracteriza a primordial classificação das plantas.

É elle a parte da semente que pela germinação reproduz a nova planta. Representa em miniatura um vegetal completo, porque nelle acham-se synthetizadas as partes essenciaes da vegetação.

Elle compõe-se de cotyledoneos que são pequenissimas folhas que são também chamadas *folhas primordiales*, as quaes se acham presas em outra parte denominada *radicula*; a continuação desta é chamada *hastícula*. Esta hastícula tem em sua extremidade uma parte que vai constituir o primeiro olho da planta, a esta parte chama-se *gemmula* ou *plumula*.

Ha plantas que têm um cotyledoneo, outras que têm dous, e outras ha que nenhum cotyledoneo têm. Por isso os botânicos classificaram em plantas monocotyledoneas, se tem um, dicotyledoneas, se têm dous, e acotyledoneas, se nenhum têm.

TACIANO ACCIOLI MONTEIRO

Membro do Conselho Superior  
da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira

## Frederico Albuquerque

MEMORIA LIDA EM SESSÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA BRAZILEIRA

A Sociedade Nacional da Agricultura Brasileira obedece á solicitação de sentimentos que lhe é grato zelar, condensando neste culto de saudade, unguido no sacrario de seus mais encarecidos affectos, o pesar que a domina e amargura, ao ver cahido exanime na liça dos seus mais resolutos combatentes o esforçado e generoso evangelizador da regeneração do trabalho, o seu eminente consocio Frederico Albuquerque.

Neste apostolado dô bem, nesta propaganda salutar, toda abnegação e desinteresse, constellada pelas fulgurações de um ideal acolhido no regaço sereno da paz, ninguém colheu ainda mais festejados triumphos, ninguém mais se extremou em resolução e firmeza, antepoando a serenidade luminosa de um espi-

rito de eleição ao sorrir sardonico dos incredulos, ao desalento dos fracos, á suggestão pusillanime dos que não sabem perseverar e vencer.

Ao ver aquella compleição debil, minada pelas correntes nervosas de cruel affectão, que impiedosamente, lhe roubava á vida, olhar amortecido e morbido, face macilenta como que sulcada pela insomnia em largas noites de vigilia, passo vacilante e incerto, um todo delicado e fragil, não se poderia imaginar que virilidade concretisava aquella alma branca e crystallina, que vigor fortalecia aquelle coração modelado em ouro, escriptorio perfumoso de virtudes, santuario de dedicação e de amor.

Dos seus labios não deslisava a lisonja ou a invectiva que avilta, mas a palavra fluente, exuberante dessa eloquencia innata e persuasiva de quem lucha pelos grandes ideaes, de quem, ao entrar na vida, investe-se de uma missão, toma-a aos seus hombros, irmana-se intimamente com ella e vae caminho fóra da existencia, em sua romagem dolorosa e incerta, amando-a e querendo-a, como a um filho estremecido e dilecto. — O caminho é erigado de escolhos, ladeado de mattagaes impenetraveis, o horizonte ora illuminado na fugacidade de um clarão esmaecido e frouxo, que se esbate em sua fimbria indefinida, orlada de purpura como nas horas crepusculares, ora nebuloso e carregado como as sombrias noites do pensamento; mas o luctador não se arreceia, não desfallece, prosegue em sua jornada, vendo rutilar ao longe, como um astro immutavel e sempre radioso, o seu querido ideal, que o fortalece e anima.

Felizes os que guardam no mais agro do soffrimento, nos transeis mais tyrannicos de sua vida a fé viva e inviolavel nas promessas do futuro, que abrigam com paternal carinho esse dulcido e santo conforto, alento dos que padecem, escudo invulneravel contra a inclemencia da desgraça, força mysteriosa que se multiplica e se dilata, armando de heroismo os humildes e os fracos.

Frederico Albuquerque fliava-se, por affinidades de coração e de espirito, a essa raça admiravel de luctadores, que têm na energia incoercivel da vontade, na obstinação altiva do querer, o genio cavalheiresco dos guerreiros medievaes.

Tracejar o seu perfil, esboçar sua psychologia, analysar nos intimos detalhes a estru-

clara do seu caracter limpido e sem falhas, fazer com a palavra o que o cinzel do estatuário faria com o bronze ou perpetuaria no marmore, é tarefa a confiar a quem se impoza o encargo de construir a galeria dos grandes servidores do paiz, dos que luctaram por nobilitar o trabalho pela liberdade e pela educação.

Elle acariciava, nas effusões de um coração immolado ao culto dos sentimentos mais ternos, os dous primorosos attributos que um dos vultos geniaes da litteratura moderna disse que quizera ver cultivados em todos os corações: a vontade e o amor. Eram os seus leaes companheiros, seus desvelados guias, sentira germinarem-lhe no seu intimo na infancia do coração, na florescencia da mocidade, os vio crescer e florir, foram elles os estímulos de sua vida e, porventura, a causa efficiente de sua inesperada morte.

Arrancae áquelles que se arrojam ao torvelinho irrequieto das labutações quotidianas, ás luctas immoderadas do trabalho do pão, como diria Tolstoi, os estímulos da fé, os vinculos com que o amor o enlaça á patria, que é o seu berço, a familia, que é o seu enlevo, o orago de sua adoração e tereis subjugado o leão indomavel, humilhado o heroe, vilipendiado o homem de honra, porque lhe arrancastes o proprio coração.

Os seres infortunados, que entregam alma e vida ás libações do prazer e do gozo e nelles crystallizam a expressão mais altamente philosophica da felicidade, não poderão talvez comprehender como aquelle grande espirito se comprazia no trabalho, como elle soube fazer do seu lar o mundo dos seus affectos mais caros, haurir nos beijos e carinhos dos seus filhos, na dedicação amoravel da esposa, tornando a vida conjugal um noivado pereune, a unica e verdadeira felicidade: a que decorre do amor e tem sua origem no lar.

No entanto, para devassar-lhe o espirito, desvendando a opulencia de seu thesouro, velado pela modestia, era preciso o convivio constante da amizade, ou vel-as reflectirem-se nas praticas do seu viver, nas expansões de sua culta intelligencia, retemperada nas locubrações do trabalho, porque elle parecia não se aperceber de que as possuia, como se a nevoa tenuissima possesse em seu manto rarefeito, absorver as rutilas scintillações da luz solar.

Apenas atardeava a sua origem essencial-

mente democratica, o ter lido seu berço em porção privilegiada do territorio nacional, onde germinara e florescia o regimen republicano, quando o resto do Brazil mantinha-se sob o dominio do Imperio. Vejamo-la:

Travara-se cruentissima a lucta na então provincia do Rio Grande do Sul. O pampeiro da revolução vârria, impetuoso, aquellas extensas campinas, outr'ora confinadas na quietude do trabalho, transpunha as suas correntes marulhosas, suas coxilhas de esmeralda, avelludadas pelo colorido da vegetação tropical, levando a toda parte os échos da ideia nova, concretisada na proclamação de 20 de Setembro de 1835.

Prestigiada pelos grandes estadistas, que formavam, em seu conjuncto harmonico e nobillissimo, a geração admiravel de 1831, cujas tradições e ensinamentos deveriamos guardar, como herança que não ha mais nobre na historia dos povos modernos, a regencia sentio-se vacillante na cadeira que lhe confiara a revolução popular de 7 de abril, vio-se por momentos ameaçada nos seus propositos de manter illesa a integridade do territorio nacional, diante do vulto homerico de Bento Gonçalves, o proclamador da Republica de 1836.

Foi em plena agitação do periodo revolucionario, a 18 de Dezembro de 1839, que nasceu, na cidade do Rio Grande, Frederico Albuquerque. A causa santa da revolução não inspirara talvez adhesões mais intensas, sympathias mais radicadas do que no seio de sua honrada familia, que, sem ufanar-se, por intuição democratica, de sua alta procedencia, reunia haveres e distincções que a faziam acatada no seu mejo.

Alli armaram-se cavalheiros jovens e ardentés soldados, que levaram ás hostes agueridas da Republica o contingento de seu valor, o arrojo e a fé que, mais do que os arnezes e as clavas, retemperavam o valor na alma apaixonada dos antigos cruzados.

Por circumstancias especiaes, deixou Frederico Albuquerque, muito cedo ainda, a terra de seu nascimento para fazer sua educação litteraria no Collegio das Bellas Lettras, na então cidade do Desterro, em Santa Catharina, e, concluida ella, matriculou-se, por obediencia á vontade paterna, na antiga Escola Central, não chegando ao termo do tirocinio academico, porque, propendendo para o estudo das sciencias naturaes, não se confor-

mara com a aridez do estudo da mathematica.

Volvendo aos seus laros, Frederico não se demorou em satisfazer as inclinações do seu coração meigo e affectuoso, que contrahira na primeira idade, unindo-se em amoroso enlace com a sua escolhida, filha de um dos mais arrojados revolucionarios, aquella que a morte, após longo e delicioso viver, envolveu nos crepes da viuvez, nas amarguras cruciantes da desolação e da saudade—a Exma. Sra. D. Ephigenia de Albuquerque.

Na ilha dos Marinheiros, onde fixou sua residência, consagrou-se aos misteres da lavoura, fundando o seu primeiro estabelecimento de horticultura, introduzindo alli diversas variedades de videira, dedicando-se com afan á vinicultura, quando a incredulidade dos tímidos e incapazes proclamava que a uva não se adaptaria áquellas regiões.

Seu nome tornou-se, desde então, conhecido dentro e fóra do paiz; summidades scientificas do estrangeiro, entre as quaes releva mencionar: Agassiz, Soubiran, Charles Naudin, membro do Instituto de França, além de agronomos e naturalistas de diversas procedencias, começaram a entreter correspondencia com elle, enquanto que os agricultores nacionaes mais adiantados crearam em torno de seu nome um ambiente de veneração e de respeito.

Achava-se em villegiatura na Europa o Sr. D. Pedro de Alcantara, a cujos ouvidos chegara pelos jornaes de Agricultura de então o renome que emoldurava a personalidade do nosso illustre consocio e, ao recolher-se ao Brazil, dirigio-lhe honroso convite para vir a esta capital, onde chegado entrou como naturalista para a secção de botanica do Museu Nacional, da qual fazia parte o preclaro brasileiro Dr. Nicoláu Moreira.

Deixando as funcções que, espontaneamente, lhe foram commettidas, fundou nesta Capital, no suburbio do Engenho Novo, um estabelecimento de sementes e a *Revista de Horticultura*, em cujas paginas laureadas pelas rutilações de seu talento, mostrou-se propugnador da pequena lavoura, discutindo com elevação e criterio os mais serios problemas de agronomia e de economia rural.

Surgiram, em breve, divergencias accentuadas entre o digno e operoso luctador e aquelles que se constituíram espontaneamente seus patronos e Frederico Albuquerque, acudindo ao appello do Dr. Antonio

Prado, dirigiu-se para S. Paulo, animado pelo intuito do fundar alli uma escola de viticultura, cuja necessidade salientou em judiciosos artigos insertos nos jornaes diarios da capital paulista. Malgrado seu intento, Frederico Albuquerque creou novo estabelecimento de horticultura, sob a designação de *Beliche*, exercendo mais tarde as funcções de Director geral dos Jardins de S. Paulo, nomeado por quem, pertencendo ao credo monarchico, conhecia a dedicacão republicana do illustre agronomo, propagandista intemperato da abolição e do novo regimen.

Exonerando-se d'aquelle cargo, voltou a occupar-o após o advento da Republica e, deixando de novo o seu exercicio, veio ter a esta Capital, convidado a dirigir o Jardim Zoológico, ao que não lhe approuve acquiescer, pois, de envolta com a questão scientifica, lóbrigara interesses de ordem diversa, que não se coadunavam com sua indole, infensa a explorações de certo genero.

Continuou na sua faina de pequeno lavrador, fundou novo estabelecimento de sementes e de instrumentos agrarios, filiando-se então, á Sociedade de Comicios Agricolas e mais tarde, á Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, ás quaes prestou a collaboração efficaz de sua experiencia colhida nas arduas labutações, em que dispendeu prodigamente haveres e energias.

Dentre os diplomas e distincções que lhe couberam, mercê de suas investigações no vastissimo campo da Agronomia e das sciencias naturaes, destacam-se o de membro effectivo da Associação Brasileira de Acclimação, membro da Società Geographica Italiana, diversas medalhas obtidas em diferentes exposições, membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, 1º Vice Presidente honorario da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, cavalleiro da Real Ordem de Isabel a catholica.

Esta ultima distincção lhe foi conferida, em 1867, em homenagem aos serviços prestados no Rio Grande do Sul á commissão scientifica hespanhola, sob a direcção de D. Patricio M. Paz y Membrela, a quem o illustre democrata dirigio amistosa e gentilissima carta, affirmando, que como republicano e democrata não poderia desejar-a e agradecer-a-ia á quem lh'a havia concedido, se ella não significasse a gratidão immerecida que os seus serviços haviam inspirado ao governo hespanhol.

Na imprensa de S. Paulo, do Rio Grande do Sul e nomeadamente nas columnas do *Jornal do Commercio* desta Capital defendeu com um vigor que traduzia saber e patriotismo as idéas salvadoras da situação economica de sua patria: a polycultura, o ensino agricola, a adopção de novos processos agronomicos e todos os meios promptos e energicos susceptiveis de arrancar nossa primeira industria dessa immobilidade, que faz o seu declinio e fará talvez a sua morte. O devotamento, a fascinação incontínente com que elle pregava a preeminencia da pequena lavoura, era como que a evocação historica d'aquella paixão ardentissima com que a palavra imaginosa, filigranada de labores, dos oradores da Convenção defendia, contra os privilegios seculares do feudalismo retrogrado, o regimen da pequena propriedade.

Aquí, neste posto de combate contra a estagnação da industria agricola, neste trabalho lento e obstinado de divulgar as formulas instituidas pela sciencia moderna, nesta missão despretençiosa de pregar o novo evangelho do trabalho, Frederico Albuquerque constituía mais do que uma individualidade: era o symbolo da força alliada á perseverança, da clarividencia consorciada ao saber.

Elle penetrou bem cedo ainda na eterna e mysteriosa noite do desconhecido, immergiu nas trevas para talvez resurgir nas regiões constelladas do mysticismo e da luz, no abrigo delicioso da paz, em cujo seio remansoso foi reclinar a cabeça scismadora trabalhada de illusões e de sonhos.

Mul pensava que tão depressa houvesse de abandonar a vida impessoal e abnegada do pensamento, as rudes provações da vida subjectiva, para entregar-se ao rigor dessa lei suprema e immutavel, que não cessa, cuja accção indefinida dilata até a eternidade o cyclo das mutações da materia.

Quiz o destino que elle, illudindo a si mesmo, exaggerando o vigor de suas energias, já quebrantadas pela morte, que se avisinhava com o imprevisito das grandes catastrophes, legasse á sua progenie o mais nobre e altivo brazão com que emoldurar-lhe o honrado nome.

Ao cahir da tarde do fatalissimo dia, pouco antes de soar a hora derradeira, o momento lugubre da despedida ás suas affeições mais desvoladas, quando a sombra da morte já neguejava a seus olhos, elle quiz levar o

ultimo e amarissimo adeus ás suas queridas plantas, dar-lhes como penhor de amizade os costumados amanhos, dedicando ao trabalho o seu ultimo esforço, como que para instituir o mesmo culto no seio dos seus continuadores.

Edificante missão, exuberante de ensinamentos, professada n'aquelle momento supremo, em que seus olhares já se não alongavam ás regiões illuminadas da esperanza, feito generoso que servirá de incitamento no mais acceso da propaganda, quando mais se avolumarem os embaraços nessa lueta incruenta que alveja a rehabilitação economica do paiz.

Subito, começou para elle a tortura da ultima agonia. A morte o assalta, ameaça avassallar-o na violencia do golpe inflexivel e elle, sem resistencia a oppor-lhe no depauperamento de seu organismo, prostrou-se vencido, sentindo o coração nas fundas amarguras que o torturavam, vendo aljofradas pelas lagrimas da saudade as dores que laceravam seus filhos amantissimos, que procuravam reanimar-o com ineffaveis carinhos, impressa a tristeza e a desolação no semblante livido da esposa, a companheira de sua vida, de seus labores, de suas illusões e de suas esperanças.

Na lapide modesta, onde o amor e o carinho foram soluçar seus prantos de saudade, levando ao silencio da morte os echos das mais limpidas affeições mundanas, deve-se esculpir em caracteres indestructiveis o singelo e eloquente epitaphio: quem aqui repousa foi um apostolo da religião do trabalho, cultivou em seu espirito a vontade e o amor—imitae-o.

DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

## A Chimica na Agricultura

A chimica é a parte integrante da agricultura, porque fornece os elementos precisos á terra pobre de principios nutritivos necessarios para o desenvolvimento e producção da planta; facto este, que se dá, muitas vezes, devido á deficiencia natural de saes na terra ou a plantações successivas. E' a chimica, ainda, que determina por meio de suas analyses a riqueza dos corpos que são indispensaveis para alimentação dos animaes; como, é ella tambem, que mostra-nos qual a terra necessaria para cada plantio, e, vae concorrer com os correctivos e muitos outros recursos indispensaveis para impedir e des-

truir germens ou seres nocivos aos vegetaes ou aos seus productos.

Vemos, pois, que a agricultura não pôde, por si só manter-se, sem que, a chimica esteja sempre ao seu lado; semelhando a mãe que sempre está velando pela vida de seu filho.

A terra é um laboratorio chimico, que em seu seio recebe as materias imprestaveis, e, por meio de reacções internas, transforma-as em varias substancias aproveitaveis á vida, ao crescimento e fructificação vegetal; phenomenos estes, que se operam com o auxilio de diversos agentes e pelo trabalho intelligente do homem.

O estudo theorico e pratico applicado á agricultura no Brazil, vae finalmente em proporções progressivas, graças ás beneficicas lições ministradas pela Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, da qual é digno Presidente o Sr. Dr. Ennes de Souza, que não deixa um só momento de fazer conhecer as necessidades que muitas vezes tem a terra de ser adubada para da plantação auferir-se producção remuneradora.

O seu esforço não chega só até ahí, vae mais além; demonstra que para haver o adiantamento de qualquer paiz é preciso que haja producção especialmente da pequena cultura, o que não exclue os poderes da grande lavoura.

Para o nosso trabalho de chimica agricola podemos dizer, sem receio, que possuímos reactivos especiaes, instrumentos e aparelhos diversos e um modesto campo de experiencia, onde se tem verificado a qualidade dos adubos que se deve empregar em cada especie de planta. Estas experiencias foram feitas no cultivo das batatas (familia das solanaceas, *solanum tuberosum*) com os adubos seguintes:

Guano Marquezino

Ossos moídos.

Cinza vegetal.

Existem, ainda para serem estudados os fertilisantes seguintes:

Sulfato de ammonio.

Sulfato de potassio.

Sulfato de calcio.

Sulfato de sodio.

Phosphato de potassio.

Stog phosphato.

Curacos supers.

Escorias de Thomas.

Cope grass guano.

Coffe ns. 1 e 2.

Alem d'estes trabalhos tem-se feito nume-

rosas analyses de terras, cereaes, forragens e productos industriaes ou manufacturados, como: queijos, manteigas, fumo, assucar, etc; trabalhos esses que estão sendo pouco a pouco publicados na revista *A Lavoura*. Está, pois, bem claro que as investigações chimicas sobre agricultura proseguem demandando o fim glorioso que todo brasileiro patriota almeja, que é: a libertação, pelo trabalho agricola, da grande patria brasileira.

GUEDES DE AZEVEDO

Chefe do Laboratorio Chimico da Casa da Moeda  
Membro do conselho superior  
da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira

## Em lucta pela lavoura

IV

O ASSALARIADO

Em nossos artigos anteriores temos feito sentir que o grande mal que soffre actualmente a lavoura é a insubordinação do pessoal. Qual a sua origem, é assumpto que merece nossa maior analyse e toda a franqueza. Sem esses dois requisitos não conseguiremos cooperar na reorganisação do trabalho manual e de que é maior consumidora a lavoura.

A origem da indisciplina do trabalhador vêm, não ha contestar, da lei 13 de maio. De parte a parte houve uma transformação radical, sem consciencia e sem cooperação de qualquer d'ellas. Poucos senhores viram com clareza a nova situação, e souberam comprehender que não ha organização possível, livre, sem respeito e submissão aos superiores, sem penas e castigos, recompensas e estimulos, que sejam opportunamente applicaveis.

Observa-se então o spectaculo desfructavel de ex-senhores, que entendiam que libertos os escravos não se lhes podia exigir senão o que bem quizessem e entendessem fazer a horas que julgassem convenientes. Alguns supprimiram toda e qualquer fiscalisação, mandando-os para o trabalho entregue cada um a si proprio.

Esse exemplo foi seguido por muitos fazendeiros, que acreditando que os taes doutores deviam saber mais do que elles, e por conseguinte que seria absurdo querer continuar a ter feitores, a marcar hora de começo do serviço e tudo o mais do que dependeria a organização indispensavel de um serviço.

Aquelles que, encherando mais as coisas quizerem organizar seus serviços com criterio e energia, dando a liberdade que ninguém pôde tirar, de ou o empregado se sujeitar ao regimen determinado igual para todos (salvo, está claro, a condição do valor de cada um), ou retirar-se, foram obrigados a ir enfraquecendo a disciplina e fazer concessões de todo o genero.

Infelizmente esse grupo era o menor, e cedendo à força dos acontecimentos, filho da má orientação dos que mais deviam ter concorrido para a reorganização agrícola, foram levados a perder aquella norma segura e cujos resultados dariam lucros à nação. Quem, nesse momento da lei 13 de maio, tivesse tido prestigio e patriotismo para orientar convenientemente a lavoura, deveria com certeza nos ter salvado da má situação em que nos achamos hoje.

E' preciso tambem entrar em linha de conta o habito em que, como temos dito, está o nosso povo: o de esquivar tudo do governo. Assim pois era nessa occasião, como ainda hoje em parte, voz geral que o governo devia mandar organizar os serviços, obrigar os libertos a ficarem nas fazendas, etc. Um alto funcionario do Estado do Rio chegou mesmo a propor isso ao governador, talvez com fins politicos, que os fazendeiros não encheram. Pela imprensa combatemos essas idéas e seu autor as abandonou.

Tal foi, porém, o relaxamento que foi sendo norma de serviço que os 13 de maio, em que aliás havia muito que aproveitar, desde que tivessem para patrões homens que soubessem estimular e despertar-lhes a ambição, que tinha soffrido a pressão horrivel do captivo, ficaram não só inutilizados, como tambem alguns ainda mais corrompidos.

N'essa occasião quízemos agitar a idéa da educação do liberto, (não porém, o que alguns fazendeiros entenderam sufficiente, a de mandar-lhes ensinar a ler e a escrever), porque sabiamos que da generosidade característica da raça negra e por consequente das suas qualidades para serem cidadãos patriotas e honestos, dependeria talvez a futura situação da lavoura.

Entretanto em vez da ambição e vaidade nobre e digna que se deveria fazer despertar no negro, creou-se-lhe uma atmosphera que lhe indicava o caminho da perversão e do crime. Fez-se-lhe crer que a submissão era

propria do captivo, e outras coisas deste quilate, de maneira que não ha pessoal mais insolente do que seja aquelle que outr'ora foi submisso á escravidão. Esse modo de pensar contaminou-se aos outros trabalhadores, e hoje é mal encarado o que é respeitador e obediente.

Esse é o estado em que se acha o trabalhador nacional, e pedirmos, como ha quem peça, a intervenção do governo em assumpto dessa ordem, não só é nos arriscarmos á intervenção das autoridades em nosso lar, como á desorganização do restante que escapou a anarchia das idéas e dos costumes.

Só ha, em nosso fraco entender, uma solução possivel, no sentido de conveniente á nação, é a da educação nacional, dada nos exemplos dos grandes homens, no amor á nobreza de character e de sentimentos, no interesse proprio bem entendido, que faz o homem trabalhador honesto e patriota.

Porém essa educação não se deve esperar que surja, enquanto não se der uma reforma no professorado em que geralmente faltam os predicados fundamentais da função que pretendem exercer. Não é tambem do numero que nos virá a segura orientação, pois quesabemos que um só homem reformou a educação na Suissa, elevando-a á altura em que se acha actualmente.

Enquanto não surgir um Pestalozzi iremos caminhando ás cabeçadas e não teremos um povo esclarecido, capaz de transformar esta nação, que se acha desacreditada perante o mundo, em um paiz respeitado e prospero.

## V

### CULTURA INTENSIVA

Bem comprehendemos o quanto é perigoso sermos francos, dizermos desassombradamente a verdade, pedirmos punições dos erros e modificações dos costumes. Porém quando o nosso intuito não é agradar e sim corrigir e estimular, não nos importa as antipathias que do nosso proceder de patriotas nos sobrevenham.

E é por isso que nos animamos ainda a fazer mais estas considerações, com que fecharemos actualmente a nossa propaganda sobre assumptos agricolas.

Muito claro ficou em nossos artigos anteriores que achamos desnecessaria e mesmo inoportuna a cultura intensiva, salvo quando ligada á pequena cultura, nas grandes cidades.

Porém confessamos que com o espirito leviano e inconstante do nosso povo, muito breve teremos de ver processos de cultura intensiva applicados em nossos matos virgens. Alguns serão capazes de estercol-os!

Todos nós sabemos com que facilidade o brasileiro abraça e anima todas as idéas que, com o titulo de modernas e progressistas, são lançadas á publicidade. Com que boa fé acredita que todas as modificações trarão melhoramentos e que todos os aperfeiçoamentos trazem vantagens materiaes.

E demais, quando todos estamos vendo o movimento que as outras profissões têm tido no regimen politico actual, procurando cada um agir com os elementos que possui, e em falta delles indo procurar onde os deve encontrar, sómente a lavoura aguarda amparar-se nas providencias dos governos geraes ou locais, sem ao menos tomar uma iniciativa pela qual se possa ver os seus desejos e a exacta comprehensão dos seus destinos.

A educação profissional, tão sentida na lavoura, tão urgentemente reclamada por todos os que vêm o atrazo e os precipícios em que será lançada, poderia, sem sacrificios, ser instituida por meio de associações de fazendeiros. E a efficacia seria incomparavel ás escolas que partirem da iniciativa dos governos.

Por outro lado, a divulgação de obras que mostrassem a situação da lavoura em outros paizes, não só com o fim de imital-os, mas sim de nos pôr a par da industria que abraçamos; monographias sobre a situação moral e physica do assalariado estrangeiro; sobre a descentralisação politica e administrativa em outros paizes, que prosperam pelo abandono em que deixam as industrias á iniciativa particular, a seus recursos proprios e á acção poderosa e incomparavel dos interesses individuaes, podiam ser consequencias da boa comprehensão dos fazendeiros.

ANDRÉ P. L. WERNECK

Membro do Conselho Superior  
da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira,  
Presidente da Soc. Agric. de Rezende.

## M. de Dampierre

Como homenagem merecida á illustre Sociedade dos Agricultores de França, que, ao lado da sua predecessora a benemerita Sociedade Nacional de Agricultura de França, — que data do ultimo seculo — tem sabido promover, desde a data da sua fundação em 1859 e especialmente desde 1870, sob

o regimen republicano, o adiantamento da agricultura franceza, dando nisso o mais bello exemplo aos tentamens semelhantes de outros paizes, como o nosso, — julgamos dever publicar o retrato do venerando presidente d'aquella associação, M. de Dampierre, que foi seu segundo Presidente, tendo sido o primeiro Drouin de Lhuys, e sendo o actual o Sr. M. de Vogüé. O Sr. Drouin de Lhuys, que foi com Lecouteux e outros distinctos agronomos, o fundador da Sociedade, de que foi o primeiro presidente, exerceu ali esse cargo durante o resto da sua vida concurentemente com o de presidente do Instituto de Mettray, quando este era dirigido pelos grandes philantropos, M. de Metz e J. Courceilles; por sua morte foi eleito para o seu logar M. de Dampierre, que o occupou até 1896, época do seu fallecimento, sendo substituido pelo Sr. de Vogüé, que continua a dirigir essa sociedade.

Os exemplos deixados por M. de Dampierre, quer na administração, na agronomia scientifica ou na pratica da agricultura, são os mais notaveis. Em artigo especial, que lhe dedicaremos mais tarde, os tornaremos patentes, como devendo servir de norma ás praticas mais salutaes da nossa campanha agraria em bem do nosso paiz.

## TRANSCRIPÇÕES

### Amparo e educação de orphãos

Em 3 de Janeiro de 1897, foi lançada a pedra fundamental do Asylo do Bemfeitor ANTONIO GONSALVES D'ARAÚJO, no Campo de S. Christovão — á Praça Marechal Deodoro, em os predios 100 e 102 — destinado ao amparo e á educação de orphãos desvalidos.

Foi esse acto praticado pela irmandade da Candelaria, perpetua administradora da repartição de Caridade, com que foi distinguida por occasião de lhe ser confiado o philantropico legado daquelle bemfeitor, por ella aceito, « para satisfação de tão grata e nobilissima incumbencia, » segundo a propria expressão do convite que me foi gentilmente dirigido para assistir com a minha familia a esse acto solemne.

A proposito dessa instituição, que mais do que nenhuma outra entre nós dispõe dos recursos necessarios e sufficientes para poder dedicar-se ao verdadeiro amparo e á efficaz educação do orphão e do menor desvalido e abandonado de ambos os sexos, pelo regimen agricola, pelo apprendizado profissional de

artes e officios e pela economia domestica, convém transcrever alguns trechos de um trabalho do meu illustre collega o engenheiro Dr. André Rebouças, hoje lente jubilado da Escola Polytechnica, actualmente vivendo retirado em paiz estrangeiro, e que a nosso ludo foi grande batalhador da abolição da escravidão, propugnador emerito da immigração livre e espontanea e da localisação do estrangeiro e do nacional como colonos proprietarios do solo, e energico defensor da familia rural.

Chama-se o seu livro, escripto em Outubro de 1889 e editado pela casa Leuzinger & Filhos, — *Orphelinato Gonsalves d'Araujo*, e tem por sub-titulo «Lemmas e contribuição para a abolição da miseria» e por epigraphie «Não ter medo da verdade e combater o erro, a mentira e o parasitismo para alcançar a abolição da miseria».

Explanando o seu pensamento, este magnanimo coração de pensador e de philantropo, afinado pelo diapason dos Jesus Christo, dos Vauban, dos Franklin, dos Turgot, dos Condorcet, dos Pestalozzi, dos de Metz e dos de Courceilles, occupa-se especialmente dos *orphelinatos* e *asytos-escolas* em geral, cujas possibilidades de bons serviços elle investiga, dentre ellas escolhendo as melhores; patenteia e mostra que solução se deve dar a esse grave e ingente problema: opinando e affirmando com toda razão que ella está na «constituição da familia rural».

#### O ORPHELINATO GONSALVES D'ARAÚJO E AS OPINIÕES DO DR. ANDRÉ REBOUÇAS

«A dotação de mil e quinhentos contos pelo philantropo ANTONIO GONSALVES D'ARAÚJO e a de seiscentos contos de réis pelos accionistas do *Banco Constructor do Brazil* —, diz o Dr. André Rebouças, — tornam muito opportuno um estudo sobre o *Compte Rendu* de SOPHIE RAFFALOWICH, publicado no *Journal des Economistes*, de Julho de 1889, a respeito da obra — *Children of the State* by Miss FLORENCE DAVIS PORT-HILL, London, Macmillan, 1889.

Evidentemente, a Plutocracia Brasileira prepara-se para competir, sem desvantagem, com a Plutocracia Yankee: teremos em breve, escolas, collegios, lycéos, universidades e observatorios astronomicos, fundados pelas doações e pelos legados dos nossos grandes Argentarios.

Cumpra, pois, estudar attentamente a me-

lhor orientação a dar a esse movimento humanitario, altruista, philantropico e caritativo — para que não se commettam os erros do passado e não se criem viveiros de parasitas, julgando-se combater a Miseria e trabalhar para o aperfeigoamento da Familia Humana.

Já tivemos occasião de estudar algumas partes d'esse infinito problema na *Revista de Engenharia*, de 28 de Setembro de 1888 a 28 de Fevereiro de 1889, sob a rubrica — ABOLIÇÃO DA MISERIA — *Estudos Sociaes* — A Familisterio de Guise — *Solução da Questão Operaria*, e de provar algumas theses, que servirão de lemmas a este trabalho, destinado especialmente á reforma dos Orphelinatos, dos Asylos, das Escolas e de todos os estabelecimentos, que têm por fim salvar da corrupção e do crime os que não têm pai nem mãe, os orphãos dos criadores e dos educadores naturaes.

Neste, como em todos os outros problemas sociaes, o grande perigo está no *Européisme*: — synthese de theocracia e de militarismo; de aristocracia e de absolutismo; em perfeita antithese, com o *Americanismo*, synthese do progresso sem padres e sem soldados; sem conventos e sem quartéis; da evolução humana feita pela Agricultura, pela Industria, pelo Commercio; pelo Trabalho e só pelo Trabalho, em tudo e por tudo; na consciencia perfeita da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade; sem distincção alguma, além da produzida pelos talentos e virtudes, como santamente diz a Constituição Brasileira.

E' esse ensino da Moral Nova, da Moral Scientifica, da Moral Raciocinada, que não pôde ser dado por mestres, criados no parasitismo do *Otium cum dignitate*; na humilhante e depravadora doutrina da *Religião* — freio do povo; da exploração dos fracos, das crianças e das mulheres, pelo medo do raio, do purgatorio e do inferno.

Educar e instruir pela Verdade e só pela Verdade; porque é bem claro, e está demonstrado, pela experiencia na Asia, na Europa e mesmo na America, que da hypocrisia e da mentira não podem nascer nem a Moral, nem a Virtude, nem as grandes forças vivas, que têm de elevar o homem ao mais alto grão de aperfeigoamento.

SOPHIE RAFFALOWICH começa assim a sua noticia bibliographica:

«Les — *Palais* du paupérisme — si justement dénoncés par DICKENS, n'ont pas encore

perdu leur prestige en Angleterre. Leurs partisans sont nombreux, à commencer par tous ceux qui, de près ou de loin, trouvent profit ou honneur au système actuel: — Les architectes, qui élevent ces édifices, et se plaisent à y faire l'essai d'améliorations aussi ingénieuses que coûteuses; le nombreux personnel, nécessaire dans ces établissements, les inspecteurs, les surveillants, les fonctionnaires municipaux, qui tirent orgueil de l'aspect grandieux des constructions, dont les contribuables paient les frais. A ces défenseurs attitrés, se joint la foule de braves gens, qui acceptent les arguments officiels et croient que tout est pour le mieux.»

Todas estas palavras têm a mais justa applicação aos edificios de Caridade do Rio de Janeiro e de todo o Brazil. Todos elles têm a monomania do *palacio*; a pretensão de emocionar o orgulho e a vaidade. A critica aos architectos é justissima. A Architectura é uma arte hellenica; foi-se com essa raça prodigiosa; hoje é uma arte perdida. Os pretenciosos monumentos actuaes horrorisariam a *Pericles*, si elle resurgisse d'entre os mortos immortaes, que servem de mestres aos vivos... Depois, a justa satyra ao parasitismo burocratico; ao exercicio de empregados de todas as categorias, que occupam, nos hospitaes e nas casas de Caridade, os melhores aposentos; que exigem requintes de mesa; comidas de luxo e vinhos finos; em detrimento das parcas verbas, destinadas á diéta dos doentes e ao escasso regimen dos asylos...

Todos, que têm estas linhas, estão recordando as *miserias* da nossa fanosa Misericordia; os conflictos incessantes de Provedores, de Medicos, de Irmãs de Caridade e até dos Alumnos de Medicina; as questões quotidianas de *Hyssope*; de precedencia e de gerarchia; de ordem, de autoridade, de commando, de rigôr militar e de obediencia passiva!...

—Reclamo e protesto, des le já, em nome de *Antonio Gonsalves d' Araujo*, meu companheiro de hotel e de passeio pelas lindas avenidas de Petropolis; homem simples, pratico e positivo, inimigo nato de mentiras e de hypocrisias, de apparatus e de ostentações, da vaidade, da soberba e do orgulho, em qualquer de suas manifestações, que communicou-me, por vezes, o desejo de fundar uma obra de Caridade no Brazil; tudo que aqui havia não satisfazia o seu ideal. Achava em todos esses asylos uma mistura de quartel e de convento, de violen-

cia e de hypocrisia, que irritava a um homem de trabalho, que orgulhava-se de jámais ter tido escravos, de ter repellido de todas as suas transacções commerciaes a nefanda mercadoria de carne humana... Si elle pudesse enunciar o seu programma, escreveria: — Nada de palacios; nada de estatuas; nada de retratos a oleo... Simplicidade, asylos... Nada de luxos; nada de ostentações... Escolas de trabalho e de lucta na penosa arena da vida...

Do mesmo modo que a Sciencia Hodierna está reduzindo a Medicina á Hygiene; a prevenir as molestias, na impossibilidade de cural-as; assim tambem a Socionomia ensina que, no problema da Miseria, o melhor é prevenir que essa lepra invada o organismo social, e o esphacele pelo parasitismo-mendicante, pela embriaguez e pela prostituição.

Imaginae que alguém aconselhasse deixar os tuberculosos irem até o ultimo periodo para depois cural-os; seu conselho seria reputado como insensato e absurdo. Pois bem; o que faz hoje o governantismo é produzir miseraveis do ultimo periodo pelos monopolios theocraticos, aristocraticos e plutocraticos; e, depois querer cural-os em albergues nocturnos, em asylos, em hospícios, em casas de Misericordia, ou em qualquer *palacio de pauperismo*, na satyrica phrase de CHARLES DICKENS.

Quando RICHARD COBDEN combatia os monopolios dos Landlords, elles mandavam publicar pelos jornaes os grandes algarismos das suas esmolos; o eximio Mestre da Propaganda respondia-lhes singelamente:

«—Mas é exactamente para que o povo não precise das esmolos dos aristocratas que nós estamos trabalhando... Resignae vossos atrozes monopolios; deixae nas mãos do agricultor os fructos do seu trabalho e elle terá em abundancia pão e carne, e não precisará mais de esmolos».

E' preciso repetir isso incessantemente: porque nada ha de mais difficil do que dar aos cerebros uma orientação nova, e a Propaganda consiste exactamente em repetir, repetir e repetir de todos os modos possíveis e imaginaveis.

Abundancia de escolas, de asylos, de hospitaes, de casas de Caridade, significa superabundancia de miseraveis, de orphãos, de mendigos, de desvalidos e de desamparados. Uma cidade, criada de hospitaes, denuncia abundancia de doentes; condições hygienic a

más; excesso de elementos pathogenicos. Assim tambem um paiz, sobrecarregado de instituições de Caridade, demonstra abundancia de miseraveis; condições sociaes pessimas; excesso de elementos parasitarios; de microbios sociaes theocraticos, aristocraticos e plutocraticos; de producção da Miséria pelos grandes machinismos movidos pelas fataes forças dos monopolios, dos privilegios e das isenções.

Ninguem se illuda...

A Caridade é apenas um palliatio... *A Hygiene Social está na Moral, na Justiça, na Equidade*: no respeito escrupuloso do Trabalho material e immaterial, manual ou intellectual; na inviolabilidade do operario e do trabalhador; *principalmente de quem trabalha na terra, que é a base de tudo.*

A questão Hygienica é a mais importante em todos os Orphelinatos, Asylos, Escolas, e, em geral, em todos os estabelecimentos de Caridade.

Eis os resultados da experiencia na Inglaterra:

« Cette difficulté est d'autant plus grande pour les enfants, élevés dans les institutions décrites par miss HILL, que leur santé est très faible.

« Malgré les précautions, dont on y entoure les enfants, les maladies y sont fréquentes: ce sont les maladies de peau, qui prennent une intensité effrayante; ce sont les maladies d'yeux; l'ophtalmie est le fléau de toutes ces écoles. La proportion des yeux sains est bien petite et le mal va en s'aggravant. Ce sont les maladies chroniques, que l'on retrouve toujours; nous ne parlons pas des épidémies, qui emportent des centaines d'enfants.

« Quand la mortalité s'élève ainsi, l'opinion publique s'émeut, on fait une enquête; les Hygiénistes consultés prescrivent des mesures de précaution, ordonnent des changements d'installation, qui augmentent les dépenses, et, malgré tout, les enfants ne s'en portent pas mieux à la longue ».

E' n'os desesperadores paroxismos da impotencia da Caridade contra a Miséria, que Tolstói, exclama:— Que faire?

— Que fazer?!

— Não deixar que os microbios do Pauperismo penetrem no organismo social, antigos, mediévos e modernos; abolir o parasitismo plutocratico-industrial, que é imposto á custa do estulto nativismo; que faz multiplicar

as tarifas aduaneiras e augmentar o custo de todos os artigos de alimento, de conforto, e até dos instrumentos de trabalho;— das enxadas, das pás, das fouces e dos machados; que estabelece, na propria patria, uma rede de concussão, de peulato, de fraudes e de contrabandos; que promove *grèves*, motins e revoluções; mantem um exercito de guardas d'Alfandega; excita o odio e rivalidade das nações vizinhas; faz a guerra de tarifas, emquanto não chega a guerra de fuzis, de canhões, de metralhadoras e de encouraçados.

Por mais longe que se penetre nos arcanos da Historia encontra-se sempre o parasitismo territorial, constituindo castas aristocraticas e castas escravizadas; trabalhadores e ociosos usufructuarios do trabalho alheio.

— Porque havia sedições na antiga Roma?

— Porque a plébe fazia *grève* e retirava-se para o Monte Aventino?

— Porque houve Gracchos e Spartacus?

— Por causa da terra; por causa do nefando monopolio territorial... E' então evidente que se deve começar a reconstituição social pela terra; que se deve reformar toda a legislação territorial; abolir todos os dizimos, todos os fóros, todas as rendas; tudo quanto fôr barbaro, feudal e colonial; tudo quanto lembrar os hediondos tempos da escravidão e da servidão da gléba...

E' de primeira intuição que se deve constituir a Família Rural, com propriedade directa e immediata da terra; com a inviolabilidade do seu lar e do seu campo de cultura; com o perfeito e completo uso-fructo de todos os productos de seu trabalho; com todos os estímulos para crescer, progredir e prosperar, na maior expansão de suas faculdades.

Essa Família Rural será a cellula genesica do Futuro de Paz, de Justiça e de Equidade.... Será essa cellula o unico elemento social capaz de aggregar essas moleculas perdidas, — crianças orphãs e desamparadas; de alimental-as com a sua seiva superabundante; de dar-lhes vida nova; de supprir a força dos pais e o carinho das mães; até, eliminar d'ellas todos os elementos morbidos, do corpo e da alma, produzidos pela Miséria, pelo Pauperismo, pela Mendicidade, pela Vagabundagem, pela Embriaguez e pela Prostituição.

Cumpre não ter pressa em immobilisar os 1.500 contos, doados por *Gonsalves d'Araujo*.

Sua fortuna está nos melhores titulos que ha na praça do Rio de Janeiro; morreu quando

havia descido de Petropolis, e morando em frente á uma cathedral em construcção não lhe deixou um ceítill, apesar de saber perfectamente que as obras se arrastavam indefinidamente por falta de dinheiro...

*Gonsalves d'Araujo* criticava sempre certo Asylo, que pretende preparar criadas de servir, e obriga-as a rezar, dia e noite, trancando-as e atrophiando-as como a freiras. Essa Caridade, theocratica e aristocratica, que toma orphãs para fazer dellas criadas dos ricos, não é, por certo, a Caridade de Jesus, toda de Igualdade e de Fraternidade; que jámais condemnou o pobre a ser instrumento e machina de servir aos prazeres e ao conforto dos ricos... A generalisação d'esse systema formaria uma classe de *pariás* com todos os orphãos e com todas as crianças abandonadas; quando o sublime ideal, é dar ao orphão familia; apagar todos os traços do crime abominavel de abandono, de que foi victima; fazê-lo entrar na arena da vida no mesmo plano que os felizes, possuidores de paes instruidos e de mães carinhosas.

Quanto á aversão de *Gonsalves d'Araujo* aos famosos palacios e ás orgias de Architectura plutocratica, repetia-me sempre que mandára retirar sua assignatura para a construcção da nova Praça do Commercio, logo que viu pelos planos que a intenção era fazer monumento de luxo e de ostentação.

É com esse espirito de Simplicidade e de Verdade que deve ser creado e gerido o Orphelinato *Gonsalves d'Araujo*. Si elle resuscitasse e visse sua fortuna esbanjada em marmores, em columnas e em arabescos, retiraria a doação, como retirou a subscrição á Praça do Commercio.

O que se deve fazer é inteiramente novo no Brazil, e talvez em todo o mundo; porque na Velha Europa nada se faz sem o espirito militar ou theocratico. E', por isso, necessario proceder com muita cautela; dando tempo ao tempo; esperando que evolua a mentalidade humana; que aprenda a prescindir da mentira e da hypocrisia; da violencia e do absolutismo, da obediencia cega passiva, fatalmente exigidos pela Theocracia e pelo Militarismo.

No — ORPHELINATO GONSALVES D'ARAÚJO, — e em todos os que adoptarem o systema de *Constituição da Família Rural*, esse inconveniente jámais terá logar. O Lavrador-Proprietario é o mais fixo dos cidadãos; o operario

industrial, pelo contrario, é obrigado a mudar, por vezes, de residencia, acompanhando as fluctuações do mercado do salariato.

Dar ao orphão a consciencia de si, fazer d'elle um homem, uma personalidade activa e productora, tal é o novo ideal.»

—  
André Rebouças acha-se de muito adiantado sobre o seu tempo.

Nivela-se pelo pensamento e pelo genio do bem com os mais adiantados philantropos-philosophos — com esses grandes pensadores que seleccionou em seu trabalho.

E' um pharól que se eleva na noite escura dos interesses, das ambições e das vaidades — mostrando o caminho que vae da aspiração á pratica do bem — acima de tudo preconizando o trabalho da terra como verdadeiro meio da solução do problema social, elevando a familia rural á altura do principio que nobilita e felicitará a humanidade.

E. DE S.

## CORRESPONDENCIA AGRICOLA

Sobral, 22 de Julho de 1897.

Illustre Dr. Ennes de Souza.

Com prazer o cumprimento.

Não me foi ainda possivel dar inteiro cumprimento ao desempenho das funcções de que me incumbi com relação á Sociedade Propagadora da Agricultura Nacional, e todavia não me tenho descurado disto convidando a fazendeiros e agricultores para commigo e de accordo com o programma da Sociedade Nacional de Agricultura do Rio formarmos aqui um centro de propaganda; confio, porém, em breve poder comunicar a organização da nossa sociedade ao Presidente da do Rio.

Muito ha aqui que estudar em materia de forragens e a observação do estudo das *aguas de fontes* de certos terrenos e a constituição geologica do mesmo, me parece forneceria optimos contingentes para o estudo da melhoria das raças animaes.

Observa-se, por exemplo, que o gado de um certo campo e que beba agua de uma dada fonte tem mais desenvolvimento que o de campos vizinhos, sendo, aliás, a raça, a pastagem e o clima precisamente os mesmos.

Nota-se mais que o cavallo d'essas regiões é mais forte, mais resistente e de estrutura ossea mais poderosa que os dos logares onde o terreno tem constituição diversa e a agua é outra! Eu, ainda que sem estudos na materia, tenho attribuido o phenomeno observado a uma riqueza exagerada de calcareo que se observa nos referidos campos e creio que a *estrutura ossea* é devida á agua d'essas regiões tomada pelos animaes.

Em uma fazenda nossa — Cramolim — collocada em um região onde se observa uma extensão de 5 leguas de campos quasi exclusivamente cobertos de pedra de cal, e onde existe uma fonte thermal perenne, noto que o gado cavallar é superior em tamanho

gordura e força ao de outras, onde não se observa a existência da cal.

Não estará ali um vasto theatro para estudos importantes para a melhoria das raças? Um outro phenomeno que prende a attenção é—não conhecer-se um unico caso de tuberculose no gado ou cavallos do Ceará, e no entretanto certos animaes debilitam-se a ponto de cahirem e morrerem de fome no fim dos demorados verões (seccas).

O gado de clima, que aliás é muito superior em tamanho, devido ao cruzamento, e o do Rio Grande do Sul, igualmente raceado, no entanto são muito sujeitos á tuberculose! Aonde a razão de ser?

Trego ao conhecimento do illustre doutor taes observações porque ser são valorosas para quem deseja os melhoramentos agricolas d'este ingente paiz, desta nobre patria a que temos a honra de pertencer e para a qual não devemos poupar sacrificios tratando-se de sua grandeza. Oxalá podessemos dar a lavoura do paiz uma phase toda nossa e transformar os nossos campos em vivendas apraziveis onde o amor do solo gerasse no coração brasileiro o ardor patriotico que merece um paiz como o nosso, onde com orgulho se póde dizer: ninguém morre de fome n'esta patria. Infelizmente, porém, ou pela phase historica que não sabemos bem avaliar que patria possuímos. Os esforços dos propagandistas da lavoura nacional, estou certo, hão de calar na alma nacional, embora tenham de encontrar em principio completa indifferença, e o dia da victoria d'esta propaganda será o grande dia da patria brasileira.

Desculpe o illustre doutor ter divagado tanto. E' que tenho um verdadeiro amor pelo meu paiz e me interessam grandemente seus melhoramentos.

Aqui tem o illustre doutor um amigo da lavoura nacional e um admirador do seu patriotismo bastante conhecido. Se se dignar honrar-me com as produções da Sociedade Nacional de Agricultura, á favor dirige para aqui qualquer incumbencia que entender eu possa desempenhar.

Com estima e consideração me subscrevo

De V. S. P. e attento Venerador e Criado

JOAQUIM MIRANDA DE PAULA PESSOA

Bahia, 5 de Agosto de 1897.

Ao distincto Dr. Ennes de Souza cumprimenta affectuosamente o Dr. Francisco Marques de Araujo Góes, que agradece-lhe o honroso titulo de Membro da Sociedade Nacional de Agricultura. Pede-lhe permissoão para remetter-lhe os impressos juntos, por meio dos quaes tem procurado promover o progresso agricola no Estado, o que afinal, mereceu attenção do governo. Em relação ao estabelecimento de criação do qual o director tem a dizer-lhe que em novembro do qual se concluidos os edificios, construidos desde os alleances com os mais rigorosos preceitos hygienicos, e so então tratar-se-á da acquisição dos animaes exigidos pelo lei e de outros mais de raza respectivamente uteis e de facil acclimação. O regulamento junto dá cabal ideia de todos os intuitos do estabelecimento, tendo já começado o estudo das forragens em vasto viveiro. A fazenda será dividida em 5 p'estações de 12 hectares e da uma, duas das quaes arbor-se promptas para receberem as plantas forrageiras que merecem melhoramento no nosso clima e solo.

Agradece, tambem, muito cordialmente a remessa do numero numero da revista da Sociedade *A Lavoura*, e roga o favor de ser-lhe dirigida com o seu nome para a sua residencia na capital, a fim de ser unida facil e servavil-ss.

Communica-lhe, finalmente que a Sociedade Agricola e Pastoral da Bahia publicará tambem a sua revista que permutará com prazer com a sua collega do Rio.

45 Rua Nova de S. Bento.

DR. FRANCISCO M. DE ARAUJO GÓES.

E. de Minas. Sarandy, 18 de Outubro de 1897.

Exm. Sr. Dr. Ennes de Souza.

Como os estrumes chimicos que se encontram no mercado, além de caros, muitas vezes não correspondem ao resultado em relação ao seu preço; por isso, deliberei dirigir-me a V. Ex. rogando-vos o favor de informar-me quaes são as drogas empregadas para uma determinada quantidade de adubos para serem applicados á cultura do café, fumo, milho e feijão, e tambem a fórma de serem applicados ao terreno.

Contando com a benevolencia de V. Ex. anticipo meus agradecimentos.

Subscrevo-me com toda consideração.

De V. Ex. Affectuoso Servo e Venerador

PEDRO CHAVES DE MIRANDA

Rochedo, 5 de janeiro de 1898.

Illm. Amigo Sr. Dr. Ennes de Souza.

Saúdo-o muito affectuosamente.

Venho pedir ao Amigo o favor de enviar-me a collecção do primeiro anno do jornal, órgão da Sociedade Nacional de Agricultura e inscrever-me entre os seus assignantes do presente anno, dizendo-me em quanto importam a collecção e a assignatura.

Peço-lhe tambem o favor de me informar quando se realizará este anno a exposição agricola, porque desejo a ella concorrer com alguns productos.

Tenho agora em estudo quatro vegetaes indigenas, que reputo forragens superiores a tudo o que recebemos do estrangeiro. São tres leguminosas e uma synantheria. Não devo, porém, aconselhar a sua cultura emquanto não as houver estudado bem, quer sob o ponto de vista de seu rendimento em cultura, quer do seu poder nutritivo. Espero, porém dentro em dois annos apresental-as aos nossos agricultores intelligentes como um novo recurso para o desenvolvimento da nossa industria pastoril, tão descurada entre nós.

Quanta riqueza natur l perdida! E nós a importarmos do estrangeiro a alimentação dos nossos animaes domesticos!

Não esqueço a sua encommenda da rama de mandioca ou aipim rosa.

Pretendo este anno mandar-lhe grande porção para o amigo a distribuir pelos pequenos lavradores do Rio de Janeiro.

Peço-lhe dispor do Am. obr. e ad.

HENRIQUE VAZ.

1. Por combinação do Dr. Ennes de Souza, presidente dos Comícios Agricolas do Districto Federal com o Dr. Ubaldino do Amaral, Prefeito Municipal e com a Directoria do Turf-Club, a 3ª Exposição Agricola e 2º Concurso Regional do Districto Federal terá lugar em agosto deste anno. A commissão agricola fará a exposição, concorrendo com todos os elementos proprios de acção e sob sua immediata responsabilidade, em quanto que a municipalidade contribuirá sómente com a despeza da alimentação do gado, o subsidio para a gratificação do pessoal empregado no trabalho diurno e nocturno da Exposição e com parte dos premios em especies, em recursos e em medalhas, segundo o orçamento combinado entre a autoridade municipal e o presidente da commissão agricola.

## VARIÉDADES

Ha gente que implica com certos animaes inferiores, declarando-lhes guerra de morte.

Entretanto se para alguns,— como os insectos malfazejos e as cobras venenosas ou as serpentes, como egualmente se dá para com os grandes carniceiros, ou para com os pequenos quadrupedes, que infundem o nojo e ainda para com as aves damninhas, — ha razão de sobra no homem de promover a sua destruição por motivos de defesa propria e por motivos de evitar destruições, de promover a limpeza ou de proporcionar o socoço, embora alguns d'esses seres prestem-lhe serviços destruindo pequenos roedores, larvas e insectos nocivos ás culturas, ha entretanto entre elles, e até mesmo entre os ophidios alguns que são inoffensivos e que, ao contrario são uteis : a questão ali está em bem distingui-los. Se a cascavel, a boa constrictor, a coral, a urutú, a jararaca, e outras trizonocéphalos são perigosas, ha em compensação algumas como a giboia, a papa-ovo, a cipó, a cobra verde ou de S. João, e a caninana, etc., que não nos fazem mal algum, mas beneficios ás culturas destruindo os pequenos roedores e outros animalculos damninhos

Ha sobretudo duas famílias na ordem dos reptis, que são utilissimas em geral : a dos sauriós e principalmente a dos bacracos.

Se aquelles ainda tem o crocodilo e o jacaré ou o caiman — que são nocivos em certos casos — ha a enorme tribu dos lezardos ou dos lagartos, dos cameleões e lagartixas que são utilissimos, sendo em extremo apropriados para supprimirem e para exterminarem os insectos de toda sorte. Elles vivem « do ar » diz o povo. E isso dá a medida de que elles nutrem-se dos entes que ahí pullulam.

E todos os bacracos — os sapos, as rãs, as pererécas, as gias são tão inoffensivos como esses seus proximos parentes e são de grande utilidade ás culturas e aos jardins — alimentando-se quasi que exclusivamente de insectos, de limo e outras plantas acotyledoneas e imprestaveis como os cogumellos, os musgos e os lichens.

Por isso é muito bom conhecermos as propriedades de cada animal, pois que cada um póde ser-nos util, indifferente ou mais ou menos nocivo, para não destruímos os que são uteis ; principalmente deve servir isso para o nosso procedimento com os lagartos, lagartixas, lambisgoias, sapos, rãs, pererécas e gias, porque são elles *todos* nossos verdadeiros bemfeitores,— visto que nos libertam de sermos atormentados com certeza por uma praga que se póde bem comparar com qualquer das do Egypto — v. g. por myriades de mosquitos e de

moseas e outros insectos que são dos mais damninhos, que nos perturbam em nosso somno e prejudicam a nossa saúde ; pois estes insectos tanto nos perseguem com seu zunido desafinado ou com seu zumbir importuno, quanto são os verdadeiros e constantes portadores das porcarias dos monturos para os nossos pratos, como são os perpetuos transmissores das molestias as mais ruins, crueis e contagiosas, para o nosso corpo.

E. DE S.

### O homem de bem

Sendo o lavrador — o homem que, com o emprego dos seus braços e sob o suor do seu rosto, arranca, pelo trabalho honrado, do seio da terra, os productos que alimentam a família e enriquecem o estado — o homem de bem por excellencia, — é a elle que dedicamos estas linhas de ouro que encontramos em um livro util, a *Doutrina do real*, de PROSPERO PICHARD, e que não poderiam ter outro effeito senão robustecer-lhe as crenças no dever, na constancia do bom procedimento e no valor do caracter :

« O homem de bem, — diz Prospero Pichard, — aquelle que cuida sinceramente de esclarecer o seu espirito, de elevar o seu ideal de justiça e se esforça por conformar com elle o seu modo de proceder aquelle que, severo para consigo, se habitua, nas suas determinações e nos seus actos, a resistir ás suggestões do egoismo e a ceder aos sentimentos benevolos : — o homem de bem representa um papel que nem sempre é devidamente estimado, nem é proveitoso (sob o ponto de vista material) para elle, mas que é muito benéfico para a sociedade.

Quer seja elle de condição humilde, quer de posição elevada, pela sua franqueza, pela sua rectidão, pela sua coragem confunde os embusteiros, os hypocritas e os covardes ; pela sua moderação, pela sua benevolencia, pela serenidade da sua alma, insinua a concordia ; o exemplo de sua vida perturba os perversos, anima os caracteres fracos, dirige os indecisos, desperta os tibios, inspira ás almas grandes o entusiasmo pelo bem, e infunde em todos a dignidade humana.

Sabendo, finalmente, quão susceptiveis de erros e de enganões são os juizos dos homens, como podem ser mal interpretadas ou desconhecidas as melhores intenções, habitua-se, nas suas determinações e nos seus actos, a não contar com o favor da opinião, e a só buscar em si proprio a approvação da sua conducta: então, no fóro inviolavel da sua consciencia, goza amplamente e a cada instante d'aquellas alegrias austeras e profundas, verdadeiramente viris, que

precedem, acompanham e se seguem á pratica das boas açções.»

E' esta sã doutrina, — tão harmoniosa com a de Benjamin Franklin, que aconselha o « trabalho, a rectidão e a economia » como os unicos meios legitimos para chegarmos á prosperidade, — a que deve ser aceita na educação d'aquelles que se quizerem libertar do meio nefando da mentira e do aviltamento. Se desejais um bom guia para julgardes se andaes bem ou mal — o que diz Prospero Pichard é necessario; mas não é sufficiente — pois que até o proprio maniaco póde ter a consciencia tranquilla. Se pois queres um *critérium* sufficiente, junta a isso o julgamento que de ti forme o homem de bem, isto é, d'aquelle de quem formas a teu turno um bom ou optimo conceito, pois que ao lado disso ou como seu necessario e sufficiente complemento se acha este nosso conselho.

O que diz o autor da « Doutrina do real » : é um cadinho em que poderás acrysolar o metal do teu merecimento, apurando o ouro e escarificando a liga extranha. Será esse o meio de bem aquilatares e contrastares o ouro de lei de tua alma, de teu espirito, de teu coração e de teu caracter.

E. DE S.

## ANALYSES

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

CASA DA MOEDA

Laboratorio Chimico: Secção de analyses

Capital Federal, 16 de Novembro de 1897.

N. 1131 — Visto: DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Analyse de uma amostra de terra (n. 1 — Quebracangalhas), mandada fazer pelo Dr. Director, e procedente da Fazenda de Santa Fé.

### ANALYSE MECANICA

Argila e detritos vegetaes.....	29 9/10
Areia.....	71 »
	100,00

### ANALYSE CHIMICA

Quartzo e argila.....	76,25
Acido phosphorico.....	0,77
Oxydo ferrico e alumina.....	9,85
Chloro.....	0,29
Cal.....	0,10
Acido carbonico.....	1,20
Potassa.....	1,38
Soda.....	0,82
Agua hygrometrica.....	3,00
Materia organica e agua combinada.....	6,34
	100,00

Assignado: Adolpho Guilherme Otto Drude, ensaiador. — Conforme, Guedes de Azevedo, chefe.

Capital Federal, 16 de Novembro de 1897.

N. 1132 — Visto: DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Ensaio de uma amostra de terra de cultura (com

a indicação — « n. 2 » — Maragogipe — Noruega) da Fazenda Santa Fé.

Côr: — amarello-avermelhada.

Terra fina.....	90	0/10
« grossieira.....	10	»
Areia.....	69,72	»
Argila, calcareo, etc.....	30,28	»
Perda ao fogo (agua hydr.=2,35).....	7,600	»
Oxydo de ferro.....	7,700	»
Alumina.....	3,300	»
Acido phosphorico.....	0,020	»
Potassa.....	0,125	»
Cal.....	0,340	»
Residuo insolavel.....	80,740	»

Assignado: E. J. Monteiro, ensaiador. — Conforme, Guedes de Azevedo, chefe.

Capital Federal, 16 de Novembro de 1897.

N. 1133 — Visto: DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Analyse de uma amostra de terra (n. 3 — Maragogipe — lado sol) mandada fazer pelo Dr. Director, proveniente da Fazenda de Santa Fé — (E. do Rio).

### ANALYSE MECANICA

Areia.....	56,5
Argila, detritos vegetaes, etc.....	43,

### COMPOZIÇÃO CHIMICA

Quartzo e argila.....	87,0
Acido phosphorico.....	0,1
Acido carbonico.....	0,6
Oxydo ferrico e alumina.....	5,4
Chloro.....	vestigios
Cal.....	0,5
Magnesia.....	vestigios
Potassa.....	0,8
Soda.....	0,6
Agua hygrometrica.....	2,0
Materia organica.....	3,9
Agua combinada.....	3,9
	100,0

Assignado: M. A. da Rocha Pinto Junior, ensaiador. — Conforme, Guedes de Azevedo, chefe.

Capital Federal, 16 de Novembro de 1897.

N. 1134 — Visto: DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Analyse de uma amostra de terra (S. Felipe — Morro Grande, n. 4), da Fazenda de Santa Fé (E. do Rio).

### ANALYSE MECANICA

Areia.....	69,2
Argila, etc.....	30,8
	100,00

### COMPOZIÇÃO CHIMICA

Quartzo e argila.....	68,5
Acido phosphorico.....	0,6
Acido carbonico.....	6,2
Acido sulfurico.....	vestigios
Oxydo ferrico e alumina.....	9,4
Chloro.....	0,8
Cal.....	0,4
Potassa.....	0,5
Soda.....	0,9
Agua.....	9,5
Materia organica.....	3,2
	100,0

Assignado : *Ernesto A. da Costa*, ensaiador. —  
Conforme, *Guedes de Azevedo*, chefe.

*Capital Feral, 16 de Novembro de 1897*

N. 1135—Visto : DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Amostra de terra (S. Felipe—Morro Pequeno—  
n. 5) da Fazenda de Santa Fé.

## ANALYSE MECANICA

Areia.....	66,3
Argila, detritos, etc.....	33,7
	100,0

## COMPOSIÇÃO CHIMICA

Quartzo e argila.....	81,2
Acido phosphorico.....	0,2
Acido carbonico.....	2,5
Oxydo ferrico e alumina.....	8,0
Chloro.....	0,1
Cal.....	0,3
Potassa.....	0,5
Soda.....	0,4
Agua hygrometrica.....	5,2
Materia organica.....	1,6
	100,0

Assignado : *Manuel José da Silva*, ensaiador. —  
Conforme, *Guedes de Azevedo*, chefe.

*Capital Federal, 16 de Novembro de 1897*

N. 1136—Visto : DR. ENNES DE SOUZA, Director.

Amostra de terra (Botucatú morro—n. 6) da Fa-  
zenda de Santa Fé.

## ANALYSE MECANICA

Argila e detritos vegetaes.....	30,0
Areia.....	70,0
	100,0

## COMPOSIÇÃO CHIMICA

Quartzo e argila.....	85,30
Acido phosphorico.....	0,47
Acido carbonico.....	0,70
Oxydo ferrico e alumina.....	7,00
Chloro.....	0,24
Cal.....	0,05
Potassa.....	0,59
Soda.....	0,34
Agua hygrometrica.....	2,80
Materia organica e agua combinada.....	2,51
	100,00

Assignado : *Adolpho Guilherme Otto Drude*. en-  
saiador—Conforme, *Guedes de Azevedo*, chefe.

## NOTICIAS

**Necrologia.**—A Sociedade Nacional de Agricul-  
tura Brasileira teve o seu primeiro desgosto, e este  
extremamente profundo, com o fallecimento ines-  
perado do Sr. Frederico Albuquerque, seu 1º Vice-  
Presidente honorario.

A segunda dolorosa perda que ella experimentou  
foi a do Dr. Antonio Caetano Seve Navarro, membro

do seu Conselho Superior, cidadão emerito, que, a  
par da verdadeira dedicação que tinha pela nossa  
Sociedade, era um magistrado íntegro e respeitavel,  
dignamente occupando o cargo superior de ministro  
do Supremo Tribunal Militar da Republica, que  
exerceu em épocas calamitosas da nossa vida publi-  
ca, conservando a serenidade do juiz verdadeiro e  
os sentimentos de um coração humanitario.

Amigo extremado da agricultura, em sua resi-  
dencia da rua Mariz e Barros ensaiava o Dr. Seve  
Navarro a influencia dos adubos sobre a cultura das  
flores, dos legumes e das arvores fructíferas e de  
sombra. Estava a braços com esses meritorios tra-  
balhos, donde tantas luzes contava colher a sociedade  
de que era ornamento e apoio, quando a mão pesada  
da morte veio surprehendel-o em meio das suas  
pesquisas cuidadosas e intelligentes, de que tantos  
ensinamentos tinhamos a esperar.

Sua lembrança saudosa, porém, permanece entre  
nós com as recordações dos serviços que prestou á  
patria nos cargos que exerceu com hombridade e  
caracter, e o seu nome honroso será continuado na  
vida publica, como no seio da nossa associação,—no  
mesmo cargo que elle ahí occupava,—pelo seu  
digno e unico filho Dr. João do Nascimento Navar-  
ro, membro do Conselho Superior da Sociedade, que  
elle tanto buscou servir e illustrar. O jurista-agri-  
cultor será substituido pelo engenheiro-agricultor,  
sendo a experiencia d'aquelle preenchida pelo ardor  
juvenil do seu digno successor no prélio em que a  
gente se bate pela agricultura nacional. isto é, pela  
independencia moral e economica do Brazil.

Filho do Estado de Pernambuco e ligado a uma  
distincta familia do Rio Grande do Sul, onde viveu  
largos annos, representando essa antiga provincia  
no parlamento, seu nome pertence a ambos esses  
Estados da União, que deploram a sua sensivel  
perda, como a grande patria brasileira sente a falta  
notavel do digno magistrado e do amigo sincero da  
lavoura nacional.

Malferida ainda a nossa sociedade pelo passamento  
de tão prestimosos consocios, tivemos de acompanhar  
o nosso digno companheiro de luctas em pról da  
lavoura, o Dr. Alfonso A. Fernandes da Cunha, nos  
transes que soffreu com a perda de sua extremecida  
filhinha Edméa, colhida, como um botão de flor, na  
tenra idade de dous annos, deixando na afflicção seus  
dedicados e jovens paes.

E como uma nota tristissima de nossas sessões da  
sociedade, tivemos de salientar o infausto aconteci-  
mento da inesperada morte de um filho do nosso  
preclaro consocio o Sr. J. X. Praxedes Medella,  
membro do Conselho Superior e nosso companheiro  
da campanha rural de todos os tempos—o digno

moço Sr. Arlindo Medella, colhido ainda na flor da idade mas já com a responsabilidade de família propria, deixando filhos na orphandade, tanto quanto o desolamento na alma d'aquelles que, como seu extremado progenitor, sabem avaliar perdas de tal natureza, tendo passado por transe semelhantes.

E como ultima nota que nos cumpre dar neste desenrolar de desgostos, chega-nos a noticia de uma dupla infelicidade succedida ao nosso digno amigo e consocio dedicado o Sr. John Finlay, membro do nosso Conselho Superior, que ao mesmo tempo que aqui perdia sua estremeçada filhinha Kathleen, era notificado de haver, no dia 8 do corrente, fallecido em sua patria, na Inglaterra, sua respeitabilissima mãe, Mistress Sophia Finlay, matrona digna do seu distincto filho, cavalheiro que tantos serviços ha prestado á lavoura do Brazil e que é um ornamento do commercio da nossa praça.

#### Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira.

— *Resumo da sessão de 22 de Janeiro de 1898.* Ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os membros constantes da lista de presença, o cidadão Dr. Ennes de Souza, Presidente, convidou o membro do Conselho Superior, Rocha Pinto Junior, á vista da ausencia dos Secretarios effectivos, a substituí-los como interino, o que accito, abriu a sessão.

Foi proposta e unanimemente approvada a consignação na acta de um voto de sincero pesar pelo fallecimento do Dr. Antonio Caetano de Seve Navarro, Ministro do Supremo Tribunal Militar e dedicado Membro do Conselho Superior da Sociedade.

Foi depois lido e approvado o balancete da Caixa Social, apresentado pelos Cidadãos 1º e 2º Thezoureiros, Dr. Joaquim Tavares Guerra e Antonio Gomes Paes, determinando o Presidente que as quantias arrecadadas, que se acham intactas, sem o dispendio de um unico real, de accordo com os arts. 7º e 8º § unico do Regulamento, sejam convertidas em apolices da dívida publica.

O Cidadão Praxedes Medella, membro do Conselho Superior, apresentou e offereceu uma batata doce, pesando 3 k., 700 g., colhida em sua situação em Ibaatima, resolvendo-se que fosse exposta no salão d'O Paiz, e que fosse reproduzida em modelo, para figurar, com vantagem, ao lado de outros já existentes nas collecções da Sociedade.

Foi resolvido ainda que os convites para as sessões da Directoria e do Conselho Superior da Sociedade, effectuadas todos os sabbados, ás 3 horas da tarde, no salão da Directoria da Casa da Moeda, fossem exclusivamente feitos pela imprensa.

Suspendeu-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

*Resumo da sessão de 29 de Janeiro de 1898.* — Ás 3 horas e 15 minutos da tarde, reunidos os membros constantes da lista de presença, e continuando a servir como Secretario, na ausencia dos effectivos, o membro do Conselho Superior, Rocha Pinto Junior, o Cidadão Dr. Presidente abriu a sessão.

Foi lida e unanimemente approvada a acta da sessão precedente.

Tratando-se de assumptos referentes á vida organica da Sociedade e ao desenvolvimento da Agricultura Nacional, usaram da palavra os Cidadãos Drs. Ennes de Souza, Fernandes da Cunha, Candido do Amaral e Taciano Monteiro, encerrando-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

**O anniversario da Sociedade.** — No dia 16 de Janeiro, um dia depois da sahida official do nosso Boletim *A Lavoura*, completou a Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira um anno de existencia ou de sua fundação. Não podiamos, pois, noticiar nesse numero tal acontecimento, sendo naturalmente o seu logar no de Fevereiro.

E para isso daremos uma breve resenha dos periodos que devem firmar em nossa sociedade os seus «marcos de orientação».

Como um desenvolvimento natural da campanha dos Comicios ruraes, das Assembléas agricolas e das Exposições e manifestações esparsas em toda a vasta superficie do territorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, surgiu entre nós a idéa fixa da organização d'uma sociedade que devesse, ao mesmo tempo que concretisasse em um centro commum todos esses esforços, servir de ponto de apoio a toda e qualquer tentativa de melhoramento agrario no nosso paiz.

Para isso alguns dos elementos constitutivos dos antigos tentamens ruraes, que por diversas vezes se têm externado na patria brasileira, congregaram-se e em uma assembléa de 47 membros reunidos no salão da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, no dia 20 de Maio de 1896, estabeleceram as bases em que devia assentar a «Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira» destinada a agir em nosso paiz ao modo porque se comporta a sua homonyma franceza na grande Republica Europeá.

O 1º Secretario da Sociedade, da data da sua fundação, depois tornado Secretario Geral da mesma, assim se exprime em um artigo publicado com sua assignatura no n. 3 d'*A Lavoura* — ahí, em nome da Directoria, como uma surpresa ao presidente da Sociedade, estampada com um retrato deste:

«...é o iniciador dos Comicios Ruraes, que formaram a semente do futuro, o primeiro elemento do movimento agrico actual, a primeira dessas

forças que a nossa Sociedade veio reunir, enfeixar, para as tornar mais poderosas».

Essa primeira sessão ou reunião preliminar, presidida por aclamação pelo Dr. Ennes de Souza, — que tinha á mesa ao seu lado o Dr. Domingos Jaguaribe, o Dr. Vaz Pinto Coelho da Cunha e o Dr. Domingos Sergio de Carvalho, — foi o verdadeiro ponto de partida da organização da Sociedade.

Ahi ficou decidido que ella se fundaria em breve, sendo escolhidos para a confecção dos Estatutos ou Regulamento o Sr. Frederico de Albuquerque, o Dr. Vaz Pinto, o Dr. Sergio de Carvalho e o Dr. Ennes de Souza, por proposta do Dr. Domingos Jaguaribe.

O trabalho dos Estatutos ou Regulamento da Sociedade só em Janeiro do anno seguinte, de 1897, ficou promptificado, após os mais constantes esforços desses quatro dedicados amigos da lavoura nacional.

Em uma reunião preliminar no dia 9 de Janeiro desse anno no salão da Directoria da Casa da Moeda, em que a ultima de mão foi dada a esse projecto, ficou resolvido que a sociedade seria fundada nesse recinto no sabbado seguinte, 16 do mesmo mez, fazendo-se um succinto convite áquelles que se interessassem pelo assumpto.

Com effeito, presentes 27 decididos amigos dessa instituição, foi ella fundada nesse dia, sendo approvados os estatutos e ficando o Dr. Ennes de Souza, que presidiu a sessão, incumbido de dar-lhes a ultima redacção e de fazel-os imprimir.

Por esse accôrdo ficou constituída a «Sociedade Nacional d'Agricultura Brasileira» e tendo o Dr. Ennes de Souza proposto o Sr. Frederico de Albuquerque para presidente effectivo, conforme os estatutos — dando as mais justas razões desse seu proceder, — foi por este insigne brasileiro declinada a honra desse posto de acção e não o querendo aceitar de modo algum, propoz elle, a seu turno, para occupar esse lugar o Dr. Ennes de Souza, que foi immediatamente aceito e aclamado por toda a assembléa.

Então pelo mesmo Dr. Ennes de Souza, já empossado d'esse cargo, foram propostos diversos cavalheiros para os outros logares da Directoria, que nessa occasião ficou composta de 6 membros e mezes depois elevada a 8, de accordo com as disposições regulamentares, sendo o de 1º Vice-presidente honorario outorgado ao Sr. Frederico Albuquerque — de saudosa memoria — o de 2º Vice-presidente honorario ao Sr. Pedro Caldeira — o benemerito mantenedor, cultor e defensor das mattas maritimas, o de 1º Vice-presidente effectivo ao Dr. Vaz Pinto, o de thesoureiro ao Dr. Tavares Guerra e o de 2º secretario Dr. Sergio de Carvalho, e para o de Presidente

honorario, o de 2º Vice-presidente e o de 1º secretario, foram pelo mesmo Dr. Ennes de Souza propostos e pela assembléa fundadora da sociedade aceitos outros cavalheiros, dos quaes um estava ausente e dois compareceram á sessão — ficando os outros membros presentés considerados fundadores da sociedade com direito a constituirem o seu Conselho Superior.

Desde então começou essa sociedade a funcionar com os approvados estatutos e no dia 27 de Janeiro foi ella solemnemente inaugurada no salão de honra da Escola Polytechnica, gentilmente cedido pelo illustre Director dessa Escola Superior, o Dr. Osorio d'Almeida ao Presidente da Sociedade, — que ao mesmo tempo é lente cathedratico desse instituto federal, — com a assistencia dos Representantes do Vice-presidente da Republica em exercicio e do Ministro da Viação e Industria e pessoalmente pelo Ministro do Interior e Justiça — assignando as pessoas presentes a acta da installação.

Marcando o Regulamento ou Estatutos conferencias hebdomadarias e tendo o presidente da Sociedade obtido ainda do Dr. Osorio de Almeida e depois do Dr. Domingos de Araujo Silva, Directores successivos da Escola Polytechnica, o mesmo recinto dessa Escola para esse fim, foram ali até a data anniversaria da sua fundação, realizadas 44 conferencias publicas, 4 sessões de congressos agricolas, e 2 sessões solemnes, tendo continuado e continuando ahi as conferencias, emquanto nos mais diversos pontos do territorio da Republica trabalham missionarios da grande fé agricola e têm sido fundadas associações amigas, filiaes ou confederadas, em communicacão com a Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira.

Nas vespéras dessa data anniversaria, rebellaram-se tres membros da Directoria (dois primitivos e um recente) dentre os oito que a constituíam com o presidente, e destacando-se d'ahi com alguns mui poucos membros do conselho, pretenderam absorver a direcção social, reformando estatutos em assembléas geraes clandestinas, — não permittidas pelo Regulamento nem consentidas pelo presidente e a maioria dos mais membros da Directoria e do Conselho Superior, — e em actos de supposta habilitade foram registrar uns estatutos que, com exclusão absoluta das fundamentaes disposições dos verdadeiros estatutos da sociedade, elaboraram ao seu modo, julgando legalisar a antiga sociedade que haviam querido empalmar, mas de facto legalizando uma outra — diversa nos principios constitutivos, differente nos meios e divergente nos fins — á qual deram um nome quasi identico ao da primitiva sociedade, com o proposito de mystificarem e de

confundirem tudo, mas deixando — como se mostrassem a «lanterna mágica» de Florian — na mais absoluta escuridade o nome que caracteriza em diversos documentos a sociedade desde a sua fundação — que é o de «Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira».

E enquanto isto se dava, isto é, que buscavam estabelecer a confusão, baralhando tudo, tomando a parte pelo todo, ou a nuvem por Juno; que um novo presidente era supposto sentar-se na cadeira do verdadeiro presidente da sociedade, continuava esta sobranceiramente o seu indefesso trabalho em prol da lavoura nacional, sendo legalizados os seus próprios estatutos, sem a mudança d'uma virgula, pela lei n. 173 de 10 de Setembro de 1893, assim adquirindo personalidade jurídica a que os acontecimentos a obrigavam. De então por diante, vencido o primeiro anno de dificuldades, tem a nossa associação continuado em seus trabalhos sem a minima interrupção, publicando regularmente *A Lavoura*, seu boletim mensal — e buscando prestar todos os possíveis serviços á agricultura nacional.

Os testemunhos de apreço, de apoio e de animação de agrônomos, de agricultores e de verdadeiros amigos da lavoura brasileira, lhe vem de todas as partes do territorio da Republica, e do estrangeiro, e como prova disso citaremos, entre muitas outras, o artigo da *Revista Agricola* de S. Paulo, redigida pelo illustre agrônomo Dr. Antonio Gomes Carmo, seu proprietario, Engenheiro Agricola por Montpellier, Membro fundador da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira e do Conselho Superior da mesma Sociedade, e membro da dos Agricultores de França, lente por concurso do Gymnasio Mineiro, etc. :

«SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA BRAZILEIRA.

— A 27 do mez findo completou um anno de existencia esta futura associação, criada por inspiração patriótica do grande cidadão Dr. Ennes de Souza, com o intuito de reunir em communhão de idéas todos os bons brasileiros que se interessam *de facto* pelo progresso da agricultura e prosperidade da patria.

O digno fundador e presidente da Sociedade, graças á confiança que o seu honrado nome inspira, ponde conseguir congregar em torno de si, no curto prazo de 12 mezes, todos os homens bem intencionados do paiz, por cuja acção têm-se fundado diversas associações filiaes nos diferentes estados da União.

A Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira faz uma conferencia publica ás quartas-feiras, publica um boletim mensal, tem um campo de experiencias e outro de demonstração, que se está organizando neste momento.

Tem trabalhado portanto,

Com legimo jubilo levamos felicitações ao nosso digno presidente Dr. Ennes de Souza, cuja alma de brasileiro e philantropo deve exultar-se por ver coroados os esforços que empregou para a realização de suas grandes obras, ora em via de execução — *educação de menores e desenvolvimento da lavoura.* »

(*Revista Agricola* de S. Paulo, Anno III, n. 32.)

### Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira.

— Nas sessões effectuadas por esta Sociedade, nos dias 22 e 29 de Janeiro e 5 e 12 de Fevereiro do corrente anno, foram propostos e approvados socios, de accordo com o Art. 14 § 3º do Regulamento social, os seguintes cidadãos : Major Aniceto da Costa Valle, Procopio Cabral Velho, Conrado Henrique Niemeyer, Dr. Frank Naegeli, Dr. Egydio J. Ferreira Martins, Henri Ladvocat, David Latino Gonçalves, Dr. Samuel José Pereira das Neves, José Pegado de Siqueira Cortez, Jarbas Ferraz Teixeira, Dr. Agliberto Xavier, Capitão Claudio da Rocha Lima e Silverio Castañon Rodriguez.

**Imprensa.** — Temos recebido e muito agradecemos as seguintes publicações :

*Gazeta Commercial e Financeira*, *A Noticia*, *O Journal da Infancia* e *A Verdade*, desta Capital; *O Tympuribá*, de Rezende; *A Bahia*; *Commercio de Pernambuco*; *Revista Agricola*, de S. Paulo; *Revista Agricola*, de Uberaba; *Revista Industrial de Minas Geraes*; *Gazeta de Uberaba*; *Gazeta de Petropolis*; *Gazeta da Bocaina*; *Echo da Barra*, de Barra do Pirahy; *A Actualidade*, de Valença; *O Luctador*, de Belém do Descalvado; *Jornal de Caxias* e *A Pacotilha*, do Maranhão; *O Trabalho*, de Penedo (Alagoas); *O Taquaryhense*, do Rio Grande do Sul; *O Agricultor*, de Juiz de Fóra.

*Bulletin de la Société des Agriculteurs de France.*

*Bulletin des séances de la Société Nationale d'Agriculture de France.*

*L'apiculteur.* — *Bulletin de la Société Centrale d'Apiculture e d'Insectologie*, de Pariz.

*Boletim Official Agricola de Filipinas.*

*Boletim de la Sociedad Agrícola Mexicana.*

*Anales de la Sociedad Rural Argentina.*

*Anales de la junta central de aclimatacion y perfeccionamiento industrial*, de Caracas (Venezuela).

*Revista de agronomía y de ciencias applicadas.* — *Boletim de la Escuela de Agricultura de la Asuncion del Paraguay.*

Catalogo dos diversos productos expostos na 58ª Exposição da «Royal Agricultural Society of England», realisada em Manchester em Junho de 1897.

# MAISON DE PRIMEURS

## EMILE VILLON

ATACADO

AGRICULTEUR

VAREJO

SEMENTES

DE

Flôres e Hortaliças

TUBERCULOS

BULBOS



FRUTAS

E

Legumes Diversos

MUDAS, PLANTAS

FLORES

Leite de Minas, Queijo, Requeijão, Manteiga, Aêdes de toda a qualidade, Caça e Odos.

17 RUA DA ASSEMBLÉA 17

CAPITAL FEDERAL

# LIVRARIA ALVES

“ Casa fundada por Nicoláo Alves em 1854 ”

## FRANCISCO ALVES

Successor de Alves & C.

130 RUA CORONEL MOREIRA CESAR 134

( ANTIGA RUA DO OUVIDOR )

CASA FILIAL EM S. PAULO Á RUA DA QUITANDA 9

LIVROS DE AGRONOMIA E ENGENHARIA RURAL

Dr. E. Goeldi, MONOGRAPHIAS BRAZILEIRAS.

» I Os Mammiferos de Brazil, brochado 1\$500.

» II Aêdes do Brazil, brochado 1\$500.

José Verissimo, A pesca na Amazonia 1\$500.

ro  
stina-  
o lado  
tos pre-  
erosa do  
de produ-  
frente ás

# CASA ESPECIAL DE HORTICULTURA

Sementes novas  
 de  
 hortaliças, flores e agricultura  
**PLANTAS**  
 de ornamentos  
 fructeiras, roseiras,  
 dhalias,  
 bulbos, batatas, rhyzomas,  
 etc., etc.



Grande sortimento  
 de  
 ferragens, utensilios e  
 accessorios,  
**CANARIOS**  
 Gaiolas e alimento  
 para Canarios.  
**OBJECTOS**  
 para todos os misteres  
 de Jardinagem,  
 etc., etc.

**JENS SAND & C.**

**45 Rua Moreira Cesar 45**

Antiga do Ouvidor  
**RIO DE JANEIRO**

## HOPKINS, CAUSER & HOPKINS

BIRMINGHAM, INGLATERRA

**Representante JOHN A. FINLAY**

**75 Rua de Theophilo Ottoni 75**

CAPITAL FEDERAL

AGENTES DE

Sutton & Sons, os maiores productos inglezes de se-  
 mentes para a lavoura.

do. associ. Campbell Engine & C., motores a kerozene; os mais  
 A simples e mais economicos.

faz uma J. de F. Howard, arados e machinas para a lavoura.  
 blica um

perencias ganizando Tambem recebem encommendas para a Inglaterra de machinas, e encanamentos  
 Tem tradua e esgoto.



